

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

**Entrevistadores:**

Thais Florêncio de Aguiar<sup>1</sup>, Pedro Luiz Lima<sup>2</sup>, Rafael Abreu<sup>3</sup>

**Foto 1: César Guimarães**



**Fonte: Arquivos dos Entrevistadores**

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

Inspirado na novela “Tonio Kröger”, de Thomas Mann, César Guimarães tece um comentário a propósito de sua trajetória acadêmica, com a fina ironia que o caracteriza: “há personagens que não têm jeito”. Lança mão, assim, do mestre da literatura para dizer que não se considera um profissional canônico das ciências sociais e, sim, “antes de mais nada”, um professor que divulga conhecimento e faz “tudo o que puder” para que seus alunos criem. Foi nessa atmosfera de generosidade que o professor recebeu, na tarde de 8 de setembro de 2011, seus entrevistadores Thais Florencio de Aguiar, Pedro Luiz Lima e Rafael Abreu em sua pequena sala de trabalho no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da UERJ. A entrevista, sugerida pelos editores deste número, é publicada pela revista “CSOnline” como gesto em homenagem a esse personagem especial das ciências sociais no Brasil.

Aos 72 anos de idade, César dedicou quase “dois terços da vida” ao ensino e à pesquisa na pós-graduação em ciências sociais. Trata-se, nas suas palavras, de “parcela significativa da minha vida de espírito”. Após testemunhar o efervescente ano de 1968 em solo estadunidense, César retornou ao Rio de Janeiro munido do título de mestre em Ciências Políticas pela Universidade da Califórnia para continuar a organizar o

Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ), da Universidade Cândido Mendes (UCAM), ao qual estava vinculado desde 1965. Em 2002, recebeu o título de Notório Saber. Durante esse período, vinculou-se também a Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) (1988 a 1996). Em 2010 deixou o IUPERJ junto com todo o corpo docente para constituir o Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), na UERJ, onde hoje é professor/pesquisador visitante.

Nesta entrevista, César menciona algumas de suas teses e discute a academia, a teoria política e social e, sobretudo, reflete a vida e a condição humana.

A todos, uma boa leitura.

**Pedro Luiz Lima:** Partindo de Mannheim, você costuma tratar da distinção entre “intelectual” e “acadêmico”. E, talvez, o dilema de todos nós aqui seja o de como agir no sentido de fortalecer o papel do intelectual – em um mundo em que os imperativos para ser um “acadêmico”, para quem está na pós-graduação, como professor ou como aluno, são muito grandes... Haveria uma maneira de evitar isso?

**César Guimarães:** É, eu costumo operar com essa distinção que, aliás, não é minha. É de Mannheim e de um autor menor, ou

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

melhor, esquecido, chamado Lewis Coser [autor do livro “The function of social conflicts”]. A distinção tem várias dimensões, mas talvez a mais relevante seja: a quem você fala? A quem você dirige a sua palavra, seus escritos, seu falar. E a idéia de intelectual está ligada a “dirigir-se ao público”. Trata-se de estar na esfera pública. E estando nela, no público, você distingue seus destinatários; os públicos não são homogêneos, porque as sociedades não são. Enquanto na vida acadêmica, a resposta é elementar: você fala com seus pares. Quando autores e estudiosos dessa questão falam “pares”, há um pouco de ironia. Porque “pares” é a tradução de *peers* e há certa característica aristocratizante já à partida. Mas isso não é tão relevante. Há ainda uma dimensão contraditória, já que pares são idênticos, iguais. Mas eles não são. A academia, por definição, é sociologicamente hierarquizada e intelectualmente determinada pela autoridade. É por aí que vem a noção, por exemplo, de paradigma do [Thomas] Kuhn; não só dele, mas de tantos autores que estudaram esta coisa. Isso significa que você, enquanto acadêmico, por necessidade, aceita uma certa disciplina, um certo tipo de trabalho. Isso é da vida. Você não forma físicos – vamos tratar de físicos? – sem esse modo de ser acadêmico. Talvez forme, mas não no momento, não é o que ocorre. O

trabalho intelectual em geral, não no sentido do intelectual precisamente, mas como trabalho da mente, está, hoje, antes de mais nada, entregue à academia, à universidade. É assim em qualquer lugar. Então, é preciso considerar que quando você fala em intelectual profissional, profissional acadêmico, você está tratando com dois modos de ser que perfeitamente coexistem no mesmo ser humano. Há aqueles que estão apenas voltados para si mesmos, perdoe-me, para seus pares. E há aqueles que estão voltados para o público. Mas, de qualquer maneira, há um mundo – o de “estar voltado para seus pares” – que cresceu. Isto não era assim. Fiquemos no Brasil há uma, duas gerações. Havia – e continua a haver –, na intelectualidade, o jornalista, ou o artista etc., que falavam... Porque quem diz intelectual, diz política. De alguma maneira, trata-se do exercício de alguma atividade crítica que envolve o poder ou o influenciar. Continua a haver esse tipo de intelectual, mas hoje, quando se abre um órgão de imprensa, repara-se que o intelectual jornalista lança mão com frequência do profissional acadêmico para reforçar seus argumentos. O argumento intelectual não se oculta, nem pode ocultar-se. Ele tem um lado. O profissional acadêmico diz que ele pertence ao mundo da *doxa*, que é mera opinião, enquanto este profissional acadêmico não estaria praticando nunca a *doxa*, não é fato? Nós

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

sabemos que não é bem assim. Não escapamos da humanidade, portanto não escapamos da opinião. Acabamos que carregamos, às vezes, opiniões tácitas em nossos argumentos científicos... Mas o ponto é este: é impressionante como é crescente a demanda sobre o profissional acadêmico e, agora, em nossa área, nas ciências sociais. É impressionante. É um sistema de produção que deve ter sua rentabilidade, sua importância. Eu não consigo ver, muitas das vezes; porque é muita coisa que se requer do acadêmico. Até ele se transformar em um professor relativamente bem sucedido, em um pesquisador, há um caminho longo a percorrer com toda sorte de avaliações, de tal maneira que quando ele chega lá, ele não precisa mais de avaliações – ele está perfeitamente “normalizado”, digamos assim. E pronto. De qualquer maneira, aí é uma mera questão minha, pessoal: é muito difícil pensar a vida social, pensar a vida humana, sem que se pense de alguma maneira que se está exercendo, de uma forma ou de outra, o papel de intelectual. Como fazê-lo, como conciliar? Eu digo que você o faz às vezes quando está fazendo o seu trabalho acadêmico, quando fala para os seus pares – mas há coisas que você fala para seus pares que acabam, digamos assim, escapando desse público, dada a relevância do que você está falando. O que é relevante? Não sei. O que o é para

a esfera pública e para o seu público na hora em que você fala. {...} Sempre há um juízo de relevância e irrelevância. Então, como fazer? É impossível e tolo imaginar que você vai tornar, em meio a uma vida social mais complexa, os papéis claramente definidos como no passado. Isso não existe, isso acabou. Essa máquina acadêmica veio para ficar. Ela vai se tornar mais complexa ainda, evidentemente, com o mundo de informatização, que permite a você ler 800 coisas, das quais, possivelmente, 80 têm alguma importância. Mas você tem que ler as 800. E, mais do que isso, ela se torna mais competitiva, pelo menos por enquanto: de um lado, há mais gente na vida acadêmica e, por outro lado, a competição do mundo em que vivemos penetra todos os ambientes. E na universidade muito especialmente. Eu nunca vi tanta competição no mundo universitário...

**Thais Florêncio de Aguiar:** E como pensar competindo?

**César:** Exatamente. As pessoas já pensam competindo, já pensam: “qual é o lugar em que eu vou publicar, de tal forma que meu currículo “Lattes” (ou seu semelhante, em qualquer outro lugar – sempre tem uma coisa parecida) engorde”... Eu fico preocupado: será que há tempo, além de tudo, para parar para pensar?

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

**Thais:** Nessa discussão, há espaço para uma ciência social dita mais engajada?

**César:** A ciência social é sempre envolvida e comprometida com algum olhar. Isso pode ser explícito. E veja, portanto, que a distinção entre o profissional acadêmico e o intelectual começa a se transformar em um problema. O ponto é que, quando é explícito, o profissional acadêmico que esteja exercendo seu papel de intelectual pode ser acusado de parcialidade, de viés, de ideologia, de “faltar aos cânones do rigor”. Bem, tudo isso pode acontecer, de fato; e pode não acontecer. Com frequência, há um número de profissionais acadêmicos, eu não sei quão grande ou quão pequeno, que acha que está operando estritamente na lógica do saber, que seus pares bem entendem: eles formam pessoas assim, foram formados por pessoas assim, sem se aperceber das implicações do que estão dizendo. Não há uma coisa que se fale sobre o humano que não tenha uma implicação de natureza intelectual. Pelo simples fato de que é humano. E alguém disse “demasiado humano”.

**Pedro:** Você falou em normalização do intelectual. E falou da relação com o público, pois a diferença entre o acadêmico e o intelectual seria exatamente o público.

Muitas vezes, o discurso do intelectual dá ares de cientificidade a uma ideologia normalizadora... Então, talvez seja essa a grande armadilha e aí vem a pergunta: há como fugir dela? A solução seria esvaziar esse espaço midiático?

**César:** Às vezes nós imaginamos que o espaço midiático é, por exemplo, a mídia eletrônica. Bom, isso sempre ocorreu, não é? Antes o meio era a imprensa escrita (o que continua a meu juízo, a grande imprensa ainda pauta a mídia eletrônica). Agora muda um pouco, por conta de outros recursos, a internet, o mundo da *web*. De qualquer maneira, você sempre tem o problema de que algumas opiniões estão melhor representadas, digamos assim, por órgãos de imprensa do que outras. Sendo o mundo o que é, a grande imprensa, a grande mídia, é empresa. Então, ela tem suas escolhas. E aí o caminho não é de mão dupla: eu não sei quantas mãos tem. Há profissionais que querem estar presentes na mídia pelo simples fato de lá estarem. Há outros que querem porque querem efetivamente expressar sua posição pública intelectual. Há outros que estão porque são chamados a estarem, são entrevistados, são procurados para serem citados. Há hoje colunistas da imprensa que vivem de ouvir profissionais acadêmicos e reproduzir parte do que dizem para organizar sua opinião. Então,

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

armadilhas existem sempre. E há pessoas que adoram armadilhas; então, não é uma armadilha. Há pessoas que caem em armadilhas. E há pessoas que, ao contrário, valem-se da “armadilha” para dela sair. E se nós nos restringimos à área de política – eu não gosto de me restringir, porque afinal é muito complicado... Sociólogos dizem coisas de impacto político às vezes muito mais relevantes. Pensem nas questões relacionadas à classe, estratificação, discriminações, etnias. Mas de qualquer forma, no caso dos cientistas políticos, há um problema um pouquinho complicado que é a vocação da nossa disciplina, a vocação de falar do poder. E com frequência nós falamos ao poder como intelectuais. Não falamos “do”, mas “ao”. Não sei se foi Platão que nos ensinou isso. O “platonizar” nesse sentido de falar para o poder, de ter soluções de poder: quais são as melhores instituições, como devem ser os partidos, como a vida política deve se organizar? Não é como a vida deve organizar a política, mas como a política deve organizar a vida, não é verdade? Então, esse olhar tem estes 2.500 anos platônicos que têm um peso muito grande sobre nós, mesmo que não nos apercebamos. Às vezes, as pessoas estão reclamando da participação intelectual de profissionais acadêmicos da área política porque, com frequência, as opiniões podem ser mais conservadoras em virtude,

digamos, do trauma de origem do nosso pensar, pelo menos no que chamamos de Ocidente. Então, a sua questão inicial é mais complicada: como desplatonizar o nosso olhar? Como falar a partir da vida – e não de como organizá-la de maneira que ela seja estável, tranqüila e feliz? Quer como profissionais acadêmicos em nossos estudos, sem ceder no rigor; quer como intelectuais que falamos ao público em geral. Porque as duas coisas somam-se. Evidentemente a essa altura eu já disse várias coisas contraditórias. É isso mesmo. As coisas envolvem dilemas, aporias e contradições, inevitavelmente.

**Thais:** Para aproveitar a discussão sobre o acadêmico e o intelectual, vale perguntar: cabe hoje alguma crítica à metodologia das ciências sociais, ou melhor, ao método utilizado para se fazer ciência política em nossos dias?

**César:** Aqui eu me ponho no lugar do acadêmico. O que eu quero saber? Tendo em vista o que eu queira saber, me importa qual o melhor caminho. Qual o melhor caminho para saber o que eu quero saber? Se esse caminho passa pela matemática, pela estatística, pela filosofia, pela história – tanto faz. Como é que eu melhor sei? Quem manda é o meu desejo de saber. De saber o quê? O problema é não sermos prisioneiros da idéia de que há “o”

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

caminho para ir a algum lugar. Porque aí deixa de ser um caminho – método, se não me engano, quer dizer caminho –, e passa a ser o caminho que leva a um lugar só, também chamado dogma – se você me permite uma metáfora. As pessoas às vezes são dogmáticas, acham que há um paradigma único das ciências sociais. Isso é impossível. As ciências sociais, por definição, têm paradigmas concorrentes – e tem que ter. Isso é o nome da nossa liberdade de pensar no plano da reflexão científica ou da reflexão intelectual. Por vezes, um paradigma predomina, por vezes outro, não me importa. Há sempre a possibilidade de disjunção. Não há o caminho real, se é que existe na química, na física – o que eu duvido, mas não sei. Porque certamente na biologia já não é assim. Enfim, nós não vivemos mais no mundo do círculo de Viena. Isso foi em 1929. O lugar do puro positivismo lógico... isso acabou. Há pessoas que falam como se estivessem em 1929, na Áustria. É estranho. Mas isso é cada vez mais incomum. Também não consigo entender alguém que diga: “só há uma fórmula, que é a marxista; a dialética marxista resolve isso aqui”... Eu sei lá. Uma das coisas boas a respeito do mundo em que vivemos é que há um número tão grande de certezas que nada é certo. Quer dizer, nós podemos com muita tranquilidade exercer certa dúvida

metódica, que vem das origens da reflexão moderna, e com isso nos liberarmos para pensar, a despeito da opressão do trabalho, esse lado duro a que as pessoas são forçadas. Eu não me forço muito a nada, na realidade, salvo por ser preocupado...

**Thais:** Você acha que há algum método relegado, descartado, sobrevalorizado, que deveria ser resgatado hoje em dia?

**César:** Sempre há quem valorize isso ou aquilo outro. O ponto é que se você percorre uma biblioteca relativamente grande, ou pesquisa no computador, você descobre a pletora de conhecimentos das mais diversas procedências teóricas, metodológicas ou de ponto de vista mesmo, de ontologia pressuposta, que aí estão. Se as pessoas resolvem esquecer é ou porque seu objeto não o demanda – e aí, tudo bem –, ou por preconceito. E, neste caso, eu lamento muito. Preconceitos não fazem parte do mundo do trabalho acadêmico, não é isso? Não podem fazer parte de maneira nenhuma. E do ponto de vista intelectual, as pessoas deixam claro o que não querem. Eu posso estar fazendo uma coisa muito estranha, abstrata e eclética. Mas é porque, realmente, para mim é assim. Eu não consigo mais ver caminhos reais. Tem gente que até busca, mas é uma bobagem. Quando você pergunta: mas para saber tal coisa que se

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

tem interesse, tal teoria não é melhor ou pior? Eu digo: talvez... É que a “grande teoria”, no sentido de um personagem esquecido da ciência social americana, chamado Wright Mills, acabou. O mundo se revelou um pouquinho mais confuso, na medida em que se imaginava que ele ia se tornar homogêneo. Alguma coisa é homogênea nele, mas outras não: essa homogeneidade globalizante revela diversidades nunca antes percebidas. É bom que é contraditório, e por aí a gente descobre algumas coisas... Então, a grande teoria, ou a grande filosofia da história, ou a grande reflexão que vai importar da economia ou da filosofia a explicação do mundo – as pessoas as fazem. Mas, a não ser em casos de pessoas geniais, elas fazem e se esquece. Aliás, esse é um problema complicado da vida acadêmica, na medida em que ela se tornou muito ampla, muito grande e massificou-se, ela relega a um esquecimento muito rápido aqueles que estão envolvidos nela. Esse é o preço inevitável da democratização do saber acadêmico. É da vida. É interessantíssimo que as pessoas façam hoje um esforço enorme para concorrerem, para não serem esquecidas, porque afinal exatamente o que as pessoas buscam quando fazem trabalho intelectual, sejam elas artistas ou cientistas sociais, é reconhecimento por mais longo tempo possível. Mas nem todo mundo é Platão, não é? [risos].

**Pedro:** Vamos mudar um pouco o registro para fazer uma pergunta mais biográfica: como se deu sua passagem do direito para as ciências sociais?

**César:** O problema é que eu não estive no direito. Eu frequentei uma faculdade de direito e lá me fiz bacharel [título recebido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1963]. Mas, no momento em que eu estava me fazendo bacharel em direito, eu não estava fazendo a faculdade de direito. Eu ia lá. Eu adquiri um diploma. Aliás, uma boa escola. Mas eu estava totalmente envolvido em certas atividades de movimento estudantil (continuamos usando o termo, não é?), que tinha um pouco a ver com a atividade intelectual de imprensa, esse tipo de coisa, e isso me obrigou a ser uma coisa, que eu tenho a estranha impressão que continuo sendo, quando posso; me obrigou a autodidaticamente me envolver com coisas que não tem a ver com o direito. Eu também não troquei [o direito] pelas ciências sociais. Porque há personagens que não têm jeito... Deixa para lá. Enfim, estou me lembrando de não sei qual novela de Thomas Mann, acho que “Tonio Kröger”... Há pessoas que se perdem, fatalmente; não há caminho. Simplesmente havia coisas que eu tinha que resolver na minha cabeça para pensar o mundo a

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

minha volta quando eu estava naquelas atividades de estudante. O empenho era um pouco na atividade intelectual ali envolvida. Eu tinha problema, por exemplo, com a origem católica da minha formação enquanto estudante antes da universidade, com o meu afastamento da religião, mas ao mesmo tempo com o meu humano temor de abraçar com muita rapidez o próximo dogma, religioso ou não. Então, é estranho que, sei lá, o livro que me marcou quando jovem foi “Ideologia e Utopia”, na tradução do Emílio Willems (que muita gente nem sabe que existe, e é boa, da Editora Globo). Interessantemente, como todo mundo sabe, o que quer que “Ideologia e Utopia” seja, é um manual de relativismo, muito embora o autor passe páginas e páginas a dizer que dali não decorre um relativismo. Está bem. “Bom, mas o relativismo tem suas aporias insolúveis...”. Está bem, deixe isso para os filósofos. O ponto não era ser relativista ou não. O ponto era não ser dogmático. Agora, a peripécia pela qual eu acabei indo estudar ciência política nos Estados Unidos foi obra do acaso.

**Thais:** E parece que você, no tempo de faculdade, freqüentava aulas na faculdade de filosofia. Era a busca de outra coisa que não o direito?

**César:** Era interesse. O direito não me respondia. Hoje, por exemplo, eu entendo que para o cientista político, em alguns casos é óbvio, e para o sociólogo, aquilo que se aprende em uma faculdade de direito é útil. Para o intelectual ativo, mais útil ainda por motivos elementares. Acho que as pessoas querem que o mundo seja de certa maneira e o nome institucional do dever ser é a lei. Seja lá como se chega a ela, mas isso é outra história. Agora, a peripécia que me levou à ciência política é totalmente obra de um acaso. Acaso, em termos. Eu não fiz muitas escolhas. O ano de 1964 é marcante em me fechar caminhos e só deixar abertos outros. Ou, pelo menos, só deixar abertos aqueles que eu pudesse perseguir. Havia vários, mas alguns não podiam acontecer. Isso aí estabelece – como é que se chama agora, independência de trajetória? –, você segue o caminho que é da vida. Não era bem isso, eu ia estudar ciências sociais; de fato, ia. Mas não ia para onde fui, não houvesse o que houve em março ou abril de 1964. Meu caminho para ir para a França se fechou, por motivos da vida. Posteriormente, fui para os Estados Unidos. A partir de 1965, eu já estava vinculado a uma instituição, que era o IUPERJ, onde trabalhei por tantos anos. E ainda não havia cursos. Então as coisas seguiram esse rumo.

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

**Rafael:** Em 1968, você foi fazer o mestrado?

**César:** Os cursos no IUPERJ começaram, creio, no segundo semestre de 1968, mas aí é o momento em que eu vou para os Estados Unidos. Começa com outras pessoas, outros professores. Vou com a obrigação de retornar e ingressar no quadro de professores da instituição. Deu-se que nela fiquei até recentemente, quando os membros da instituição saíram. Um número deles está hoje vinculado ao IESP/UERJ [Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro], e outros seguiram caminhos diferentes. Então, eu diria que a minha vida se vinculou a essa instituição como professor, na verdade é isso. Minha vida de espírito, quer dizer, boa parcela significativa da minha vida de espírito se vinculou a isso de uma maneira, sei lá, um pouco longa. É a vida. São dois terços da minha vida. Como o outro terço é inútil [risos], infância, adolescência e o movimento estudantil, quando eu só fazia bobagem (agora eu estou brincando, com essa última parte, evidentemente; com a outra parte, não)... É uma coisa estranha, que também engendrou uma coisa híbrida – já antes que perguntem, eu vou logo avisando. Porque eu não me tornei um “profissional cientista político” ou um profissional das ciências sociais certinho,

canônico, com os títulos certos. Enfim, foi tudo meio confuso. E, não obstante, acho que a generosidade de meus colegas foi permitindo que eu por aqui ficasse e tivesse um papel. O que me leva a pensar... quão completo é um cientista social acadêmico? Depois disso, vem um outro problema: quão completo é um homem de espírito, seja ele cientista social ou artista? São coisas diferentes. O que a vida acadêmica passou a exigir a partir da minha geração? Passou a exigir que as pessoas fossem, ao mesmo tempo, pesquisadores criativos – e minha geração tem um número notável e muito grande de pessoas nessas circunstâncias – e professores competentes. Eu vi que nos Estados Unidos um grande número de pesquisadores criativos dificilmente conseguia ser professor competente porque não tinha tempo. E eu não diria que minha vida foi de intensa pesquisa criativa. Então agora vamos botar isso em outro quadro... Há uma definição de Ezra Pound que Haroldo de Campos utilizava mais ou menos assim: o criador, o divulgador, o diluidor. O professor é, antes de mais nada, um divulgador e é o que eu sou. Quando você faz isso e está convencido, isso pode ser tomado como uma limitação. Bom, sendo ou não, é o diabo, tem que fazer direito, porque a possibilidade de diluir é enorme. E se você divulga, quer dizer, se transmite e não cria, e se você está cercado

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

de pessoas que estão criando (estou falando de alunos) e que podem vir a criar, faça tudo o que puder para que isso ocorra. Aí já é uma questão de ética profissional de um intelectual um pouco *manqué*, um profissional um pouco *gauche* – no sentido de Drummond, por favor... Sobre a diferença entre profissionais e intelectuais... Vamos falar de um músico? O nome dele é Adrian Leverkühn. É um músico imaginário, um produto da ficção, do livro mais importante, a meu juízo, de Thomas Mann, que é o “Doutor Fausto”. É o “fausto” dele. O sujeito se arrojar a escrever um fausto é complicado, não é? Mas ele escreveu... E Lukács escreveu vários ensaios e trabalhos sobre Thomas Mann, a quem conheceu e com quem trocou correspondências desde jovem. Recentemente, um aluno [Eduardo Matos] apresentou uma tese de mestrado aqui [no IESP-UERJ] sobre o jovem Lukács falando do primeiro Mann. O artigo de Lukács sobre o Fausto de Mann chama-se “A tragédia do homem burguês”, e há um momento em que ele se refere ao intelectual profissional da universidade alemã e que na realidade, digamos assim, instancia aquilo que é o intelectual alemão típico. Ele diz que essa pessoa, por conta do contexto alemão, vive um ensimesmar-se, um pôr-se para dentro, um olhar para dentro de si, protegido pelo poder. É um pouco isso que ocorre com esse sofrido

músico que se fechou dentro de si para fazer a grande obra. Vocês leram “Doutor Fausto”? É terrível: o narrador, Serenus Zeitblom, narra essa história, que é sempre na primeira pessoa. E ele vai narrando, narrando e, quando chega ao final do livro, diz: “e eu nesta pequena cidade alemã, agora que a guerra está terminando, onde me recolhi e consegui ficar ensinando nesta pequena universidade etc... Posso assim terminar a obra que escrevo sobre este meu amigo que há 20 anos perdeu a consciência”. Ele deixou de compor, simplesmente enlouqueceu depois de ter composto sua grande obra. Mas enfim, é esta separação terrível entre poder e trabalho da mente que frequentemente leva a essas situações fáusticas. De fato, ele se comporta como Fausto. Essa é a troca que ele faz: “eu quero compor algo imorredouro”. E não vê o que se passa. “A tragédia do homem burguês”... Mas por que esse tema agora?

**Thais:** Por quê? Revele.

**César:** Porque é um tema que me perturba enormemente, embora eu não tenha nenhuma participação política significativa. Enfim, essa relação entre saber e poder: como isso é terrível e pode ser profundamente doentio... É interessante que, por vezes, nós – pessoas que trabalham intelectualmente (a palavra

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

“intelectual” está sendo usada aqui em dois sentidos, um muito amplo e um no sentido de uma função; acho que fica clara a distinção) – nos conferimos uma onipotência terrível, como se as idéias tivessem um poder notável sobre o mundo. Esse olhar platônico, a idéia que é a realidade: no princípio, era Platão. Então, as idéias fazem e acontecem. Foi por isso que ele andou preso – porque foi falar de idéias com a pessoa errada. Mas essa não é a parte importante da vida de Platão: o importante é a idéia, é ser capaz de escapar da caverna. A gente escapa da caverna e a luz é muito ofuscante: é uma outra caverna. Nessa onipotência de que sabemos mais, há uma certa arrogância – que freqüentemente se torna intolerável. E já não importa se estou falando do profissional acadêmico ou do intelectual militante. No meio disso, o sujeito não se apercebe que sim, de fato, idéias contam e têm importância, mas que freqüentemente isso independe da sua vontade. Têm importância porque vêm a ter, porque se transformam em outra coisa, se transformam em parte da vida. Então é algo meio... eu já falei a palavra “contraditório” quantas vezes? Pois é. É algo meio contraditório, a arrogância do intelectual em torno de seu saber, que seria todo-poderoso, e ao mesmo tempo o poder que ele efetivamente tem, e que com freqüência não se apercebe qual é. Porque

não é o que ele intenta – pode ser o seu oposto. A gente pode dar alguns exemplos disso. Que tal um exemplo de economia? Digamos que numa cidade qualquer se descubra que em bairros mais pobres, onde haja insegurança – no sentido que parte das pessoas usa essa palavra, de mais criminalidade, etc –, as lojas de comestíveis e supermercados cobram mais caro pelo que vendem, muito embora a população seja mais pobre. E uma boa explicação econômica – ela é boa; não é minha, portanto – é de que o fato de as coisas serem mais caras em lugares perigosos nada tem a ver com a procura, tem a ver com as condições da oferta, com a insegurança. Então, aos custos de oportunidade, envolvida aí a fixação de preços, agregam-se esses custos da insegurança. Então é natural, não é natural? (Tudo em geral que se diz de natural nada tem com a natureza, não é verdade?) Então, é natural que os preços sejam elevados quando as pessoas são mais pobres e moram em áreas pobres de segurança. Não é uma explicação? Ok. Isso de fato dá conta do recado de porquê tal coisa ocorre. Evidentemente, o sujeito também pode contar com o fato de que a população seja menos atenta e menos demandante em relação a custos. A classe média, em geral, é um pouco mais dura em negociações. Sim, é fato, mas esqueçamos essa disjuntiva. Isto, portanto, é uma

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

explicação boa. Só que ele não se apercebe que acabou de formular a ideologia do vendedor. E, freqüentemente, não sabe que o que está fazendo ali é a ideologia do vendedor. Não importa quem é o vendedor, se você quiser chamar de burguês, qualquer coisa assim, pouco se me dá. Ele está racionalizando o comportamento que tem a ver com preços mais altos e, portanto, com dificuldades maiores para quem já dificuldades tem. Toda essa parte foi esquecida. A notável arrogância – que fez com que, digamos, um economista de Chicago explicasse assim a formulação de preços em lugares mais pobres e até pudesse ganhar um prêmio Nobel por coisas como essas – lhe dá uma auto-estima muito elevada e justa. Por outro lado, oculta essa outra parte do saber que tem esta função que ele desconhece. E, contudo, para citar outro autor importante: ele não sabe, mas faz.

**Pedro:** Você falou dos problemas que não se resolveriam pelo direito. E você falou *en passant* do seu envolvimento com o movimento estudantil. Hoje, você freqüentemente faz cursos e escreve textos sobre aquele período, sobre a democracia de 1946 a 1964 e suas questões. Então, eu queria te perguntar: que questões são essas? E qual foi a sua atuação no movimento estudantil?

**César:** Era só, e tão só, intelectual. Participava de imprensa estudantil. Nunca participei sequer de um Diretório [Acadêmico]. Não tinha a paciência necessária para me envolver... não tinha mesmo. {...} Escrever para a imprensa estudantil tinha certa importância na época...

**Rafael:** Continua tendo...

**César:** Tinha mais, talvez. Certamente tinha mais, porque o número de universitários era muito pequeno. E, portanto, este conjunto de indivíduos constituía o quê? Quisessem, ou não, uma elite. Aliás, é fácil ver por sua procedência social. Mesmo na universidade pública e, muito especialmente, nela. Continuamos a ter, até hoje, essa coisa estranha de que pessoas de origem social mais elevada ocupam espaços na universidade pública. Porque ela é melhor, em geral. Agora, por que me interesse por esse período? Ele me interessa intelectualmente mesmo. Mas eu acho que quando você se interessa “intelectualmente mesmo”, sempre, não se trata de uma coisa que tem a ver com a razão. Aliás, não há nada que tem a ver apenas com a razão, salvo as racionalizações. O que, portanto, não tem a ver apenas com a razão... Porque me chama a atenção certo tipo de efervescência que corresponde à minha

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

juventude, o período, ali, dos anos 50 etc. E porque me aproxima de uma coisa chamada política. “Puxa, existe política, é verdade, as pessoas votam...”. Essas coisas: votam, fazem greves, mas não muitas, porque, no fundo, as greves eram proibidas a despeito de serem permitidas pela lei – não me pergunte por quê [risos]. Então, é também o início de uma movimentação em torno de um interesse intelectual e, no caso, político. Isso me faz hoje voltar para trás e ficar perguntando: o que era esse período? Eu o vejo às vezes meio maltratado [a democracia de 1946 a 1964], se contrastarmos com o período do Estado Novo, com a República Velha, ou mesmo com os governos militares que nos são próximos (não são tão próximos, mas da minha geração, certamente, foram até próximos demais, não é verdade?). E foram objetos de estudo! Diversos grupos de estudo (uma coisa ainda que falta, falta estudar os militares, falta ainda muita coisa desse período). Mas essa coisa estranha, entre a Constituição de 1946 e o golpe de 1964, é menos estudada... Há estudos crescentes, não é? Mas, veja, há pouco eu mostrava a primeira biografia de um presidente da República do período [a recém-publicada biografia de Jango, escrita por Jorge Ferreira]. Agora, só agora... E, evidentemente, neste momento, esta coisa de estudantes tem um papel muito forte por isso, como acabei de dizer. Numa

democracia eleitoral de participação restrita como aquela, em que metade da população era excluída do voto simplesmente porque era analfabeta; em um mundo que ainda é rural (e vocês conhecem os textos a respeito, não é fato?); nesse lugar, essa participação tinha um peso de importância maior. Querendo ou não, você estava mais próximo de certa efetividade política, em certas circunstâncias, e que depois se torna mais difícil na ditadura por conta da repressão. Em alguns momentos, acabam sendo casos de heroísmo: pessoas foram envolvidas em situações de risco de vida. E, posteriormente, isso se dá por espasmos, não é? Momentos. Muito embora o movimento estudantil tenha se reorganizado todo – a UNE, e tudo mais –, o peso é menor. Possivelmente será maior: se eu estou olhando o que estou olhando, e olhando o mundo a minha volta, vai crescer este peso. E não como, digamos, se quer: “ah, agora temos marchas contra a corrupção na Avenida Paulista”. Bom, interessante, um bom lugar para marchar contra a corrupção, sem dúvida. Mas eu estou pensando numa coisa mais espontaneamente estudantil que começou a correr o mundo, não é? Então, isso que foi tão importante aqui, vai voltar a ser, possivelmente. Como é agora na Espanha, por demais, esse que é um lugar tão agradável para os imigrantes...

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

**Thais:** No Chile...

**César:** No Chile, já há algum tempo. Talvez porque de novo se reponham questões, em regimes relativamente abertos politicamente em que o lugar da juventude seja importante. Sob duplo aspecto: há mais gente nas universidades, e isso é importante, e há mais desempregados jovens, e isso é importante. Às vezes são os mesmos, às vezes não são. Às vezes são imigrantes, às vezes são locais, às vezes, às vezes, às vezes. E quando digo que isso tende a ser generalizado é por conta do fato de que o mundo está ficando parecido e, portanto, cada vez mais diferente (risos). Certos processos são muito parecidos. Quer dizer, afinal, estamos em um mundo que o capitalismo tomou como um todo. Não se trata mais de uma geoeconomia. A economia capitalista ocupou todos os espaços territoriais que pôde. Falta pouco, não é isso? Isso é simples, não é? Todo mundo sabe isso, não é? Muito embora o fundamento dessa reflexão seja marxista – e, no caso, bastante adequada –, ela [a economia capitalista] também apossou-se, o que é mais importante – e também é uma reflexão de natureza marxista –, de mais e mais atividades humanas. Ah, estamos falando da competição entre universitários (risos)? Ah, bom, tinha me esquecido que tínhamos falado disso já, de alguma

maneira, não é verdade? Então, de mais e mais atividades humanas. Mais mesmo. Escapar da mercantilização, da mercadoria, desta forma, é cada vez mais difícil. Mas, por outro lado, isso engendra reações novas, porque nós não achamos que haja processos de submissão total das pessoas a uma boa ordem, à objetividade, o que quer que isso seja. Há o que parece reedição de coisas antigas, mas que são coisas novas; são outros jovens, são outras demandas, são outras questões e, às vezes, são as mesmas... Acho que eu fugi do assunto, não?

**Pedro:** Existe uma forma de olhar para a cena, para o mundo contemporâneo, que enxerga otimisticamente certa inovação, ou uma suposta inovação, nos meios de resistência. E entende que as possibilidades técnicas de uma nova forma de resistência se exibiriam na Primavera Árabe – e em Barcelona também –, por meio de um *cyberativismo*. Isso seria uma grande novidade no panorama da resistência a essa subsunção do mundo ao capitalismo de que você estava falando. O que você acha disso?

**Thais:** E também que é uma resistência, de alguma forma, a essa mercantilização da vida, que você falou. Em que medida?

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

**César:** Vamos começar pelo final. Eu passei uma parte grande da minha vida ouvindo pessoas que vulgarizavam o marxismo, praticamente transformando forças produtivas em tecnologia, e tecnologia em produtora de não sei bem o quê. Tecnologia a gente faz o que quer com ela, não é fato? Quer dizer, o fato de que haja novos meios de comunicação, em que os seres humanos querem fazer alguma coisa coletivamente é, evidentemente, importante. Mas me custa a crer que a derrubada do governo neocolonial, tão próximo ao senhor Sarkozy, na Tunísia, tenha sido, como a mídia freqüentemente nos conta, resultado de uso do *twitter*. Quer dizer, não foi um movimento apenas de classe média. Não acredito que os jovens e a população em geral da Tunísia – que é um país relativamente pobre –, que todos tenham esses recursos à sua disposição. Mas, de qualquer maneira, movimentos sociais surgem pelo rumor... O boca a boca, hoje, se transforma no “olha-a-tela”, *cell phone*, ou o que bem seja, enfim, celular... Isso são apenas meios. Então, eu começo pelo começo: desde os anos 70 para os 80, e isso envolve a Queda do Muro [de Berlim] (o Muro caiu, como eu sempre digo e repito, em boa hora, sobre uma experiência fatídica de opressão em que se transformou o projeto socialista daquele período). O Muro caiu em boa hora. E que a história não se repita, o que

neste caso não é apenas uma afirmação, que eu não sei se tem base factual. É certamente um desejo: que não se repita essa história). Mas, esse mundo todo que caiu permitiu, por outro lado, a expansão capitalista sem freios. Nós todos sabemos disso, e isso é comentado por tanta gente, não é mesmo? E, por outro lado, como não podemos mais falar de um lugar (podemos, mas vamos fazer bobagem, não é?), não dá para ser eurocêntrico, “ocidentocêntrico”, ou o que bem seja. Quer dizer, esse mundo fragmentou-se. Fragmentou o que no passado poderia ser chamado de classes subalternas. Fragmentou o mundo dos dominados. Uma fragmentação que é própria da ordem capitalista. Sempre o processo é de desorganização, cotidiana, dos trabalhadores – acho que eu estou citando Marx... Só que hoje a questão não é só “os trabalhadores”. A questão é uma plethora de opressões que surgem. E essa fragmentação leva a formas diversas de resistência. O ponto é: resistir é apenas o primeiro momento de transformar; e transformar só é possível quando a resistência fragmentada de alguma forma se aproxima. Duvido que se torne coesa. Não acredito na ressurgência de algum tipo de partido que junta tudo, junta todas as opressões, e põe aquilo tudo e subsume a uma totalidade lukacsiana ou althusseriana. Então, não é isso, não é por aí. Como é, eu não sei. Acho que também não vou ver

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

como será. Mas as resistências são crescentes. Agora, vamos ao norte da África e, aí, foram países do mundo árabe, não é? Notem que são movimentos bem diversos. Nós sabemos muito pouco sobre eles. Por exemplo, nós sabemos sobre a Tunísia, que se tratava de um regime amigável à França. Eu diria que bem amigável. O que é muito importante a vários títulos, inclusive, digamos, impedir a imigração etc. Nós sabemos em relação ao Egito que o presidente, o ditador derrubado, fora a pessoa que recebera, logo em seu primeiro ano de governo, o presidente Obama, não é fato? Lá foi pronunciado o famoso discurso do Cairo em que os EUA e sua política externa, pela voz de seu primeiro mandatário, se reconciliavam – a expressão é quase que literal – com o mundo islâmico. Eu não imaginava que era preciso um discurso de reconciliação com 1 bilhão e 200 ou 300 milhões de pessoas. Havia antagonismos entre os EUA e o mundo islâmico em geral? Eu imaginava que não, não é? De qualquer maneira, eu suponho que não era bem isso que queria ser dito, era a questão da islamofobia etc. Mas isso foi dito no Cairo. Portanto, tratava-se, como todo mundo sabe, de um aliado notável, fundamental para os EUA. E importante para a segurança do Estado de Israel, não é verdade? De repente, seus amigos o abandonam, e o presidente Mubarak vai...

aliás, eu acho que mesmo com os amigos ele iria. A coisa da Líbia já é mais complicada. A gente não sabe muito bem o que é aquilo. Eu não sei. Fico procurando quem saiba, para saber o que é aquilo. Eu sei que ele [Muammar Kadhafi] tinha entendimentos notáveis com o seu sócio, um associado seu italiano, o *premier* Berlusconi. E uma das operações importantes, ali, era de novo impedir a imigração. Controlar a imigração ilegal para a Itália. Além dos interesses no petróleo, que é o caso da Líbia – e várias outras questões que alguns desses países têm –, a questão toda é de conter essa imigração que vem por ali. Essas coisas são todas fluidas, e não deixam claro o que vai ocorrer num mundo em que um dos aspectos é que, por exemplo, (a observação não é minha, ouvia isso de meu amigo Fabiano Santos outro dia) você até recentemente podia dizer que nos principais países europeus o direito do voto era dado a praticamente todo mundo que podia votar, com exceção das crianças. Já não é mais assim, dado o fluxo de imigração. Então, os imigrantes em alguns lugares votam para certas coisas e, em outros lugares, não votam para nada. E essa grande imigração apenas começou, não é isso? O trabalho vai aonde o capital está, não é? A força de trabalho é vendida onde ela possa ser comprada. Então, as pessoas são destituídas a não vender a sua

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

força de trabalho na França, na Inglaterra, na Noruega. E, de repente, temos um mundo assustador. O que assusta não é o norte da África, é a Europa. O continente mais assustador no momento, em termos de potencial obscurantista, é a Europa, dados os processos materiais que se deram, os processos sociais que se deram, dada a reação que isso engendra. Há muito tempo que não eram países de recepção de imigrantes, não é? Os imigrantes que entraram por ali entraram de outra maneira. Os chamados bárbaros... ou seriam os sarracenos? Os países europeus expeliam sua mão de obra excedente para as Américas, para a Austrália. Isso, por exemplo, possibilitou fortemente experimentos de socialdemocracia, porque a mão-de-obra remanescente, com as economias e com seu crescimento, é menor e, portanto, tem maior poder de demanda. Enquanto isso, torna-se mais barata a mão de obra nos países para onde esses europeus foram, nesse mundo que apenas parcialmente estava integrado. Estou falando de um processo que vem do final do século XIX, da primeira grande crise – que nos deu tantos imigrantes. A primeira [crise] que engendra as migrações, e que faz a América.

**Rafael:** “Os nacionalismos” são tema de pesquisa importante para você. No próprio *site* do IESP, “os nacionalismos” aparecem

como uma de suas linhas de pesquisa, o que é interessante por utilizar o plural, já demonstrando certa perspectiva. A propósito, não existiria uma combinação interessante entre o processo de formação do bloco regional europeu e os nacionalismos europeus?

**César:** Sim, eles vão juntos, não é?

**Thais:** Eu queria acrescentar uma questão a esta... Você falou dos bárbaros, falou desse continente assustador que é a Europa; quais são as possibilidades de reinvenção dessa Europa? Porque hoje a gente vê acadêmicos europeus estudando epistemologias do [hemisfério] Sul...

**César:** Eu não sei. Eu vejo uma coisa muito estranha... Não sei por quê me veio à cabeça Joseph de Maistre comentando, em sua famosa passagem, que conhecia franceses, alemães, ingleses, mas não conhecia nenhum homem em geral. Então, a pergunta é clássica: quantos europeus você conhece? Você conhece franceses, alemães... De um lado, essa integração já envolve, internamente, afirmações culturalmente autônomas no interior de países da Europa no contexto da União Européia – pense na Espanha. Pense na recente decisão do Tribunal Supremo invalidando a emenda constitucional, votada há algum tempo atrás, que permitia

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

que houvesse estados e que a Catalunha fosse um estado. Isso não pode: foi votado, mas considerado inconstitucional. Há, portanto, tensões internas em países que sempre a tiveram, mas isto foi, de certa maneira, afogado pelo centro, pelas guerras. A Espanha é o caso clássico. No interior da Europa, independentemente do sul, você tem no governo um movimento que prega a formação da Padânia, a liga Norte. Seu ponto é excluir da convivência com o mundo esta gente do *mezzogiorno*, do sul. Veja bem, não só os nacionalismos das nações conhecidas continuam a existir, como no interior delas essas questões se dão. São vários movimentos que se superpõem. Agora vamos falar da imigração. Aí você tem um movimento, digamos, europeu. Um exemplo do que eu quero dizer com isso: o que eu faço com a Turquia, se eu for europeu? A Turquia pode fazer parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ou seja, eles podem perfeitamente morrer por nós, mas não podem fazer parte da União Européia, eles não podem se integrar aqui de maneira legítima. É complicado, não é? E é interessante que o papa (não me recordo se foi este ou o papa anterior) chamava a atenção para o fato de que a Europa é cristã. Como entrará, então, um país muçulmano que seria a segunda maior população da União Européia (a primeira é a Alemanha)? Há formas novas de

nacionalismos sucedâneos – e agora eu estou falando apenas quando esses nacionalismos sucedâneos são agressivos, são contra alguém, no sentido de que ocupam um lugar à direita. Não me importam os seus portadores. Sabemos que muitos eleitores desses partidos que estão à direita são oriundos da classe operária antiga e votavam na extrema esquerda. O mundo mudou, as pessoas mudam. Agora, olhe do nosso lado. É evidente que há um movimento de populações que querem integrar-se ali onde podem, supostamente, trabalhar melhor. Mas, nesse momento, não podem. Porque este mundo é um mundo de crises cíclicas continuadas e curtas – é o que parece, eu não sou economista. O que não quer dizer que vá haver nenhuma catástrofe. Não precisa. A catástrofe no sentido de que “vai acabar” – não vai acabar nada. Isso é assim mesmo: *ups and downs, ups and downs*, de maneira muito mais rápida. É paralisante. Eu fico pensando no continente africano, especialmente, mas olho em volta... Como você corta essa distinção: freqüentemente afirmando a nacionalidade. E aí as relações internacionais começam a nos falar sobre potências emergentes etc. É o nacionalismo delas, dos BRICS, ou que nome tenha. Se cresce, se tem mais poder etc., esse nacionalismo deixa de ser defensivo, ganha outros aspectos. Então, é engraçado: o tópico nacionalismo se torna

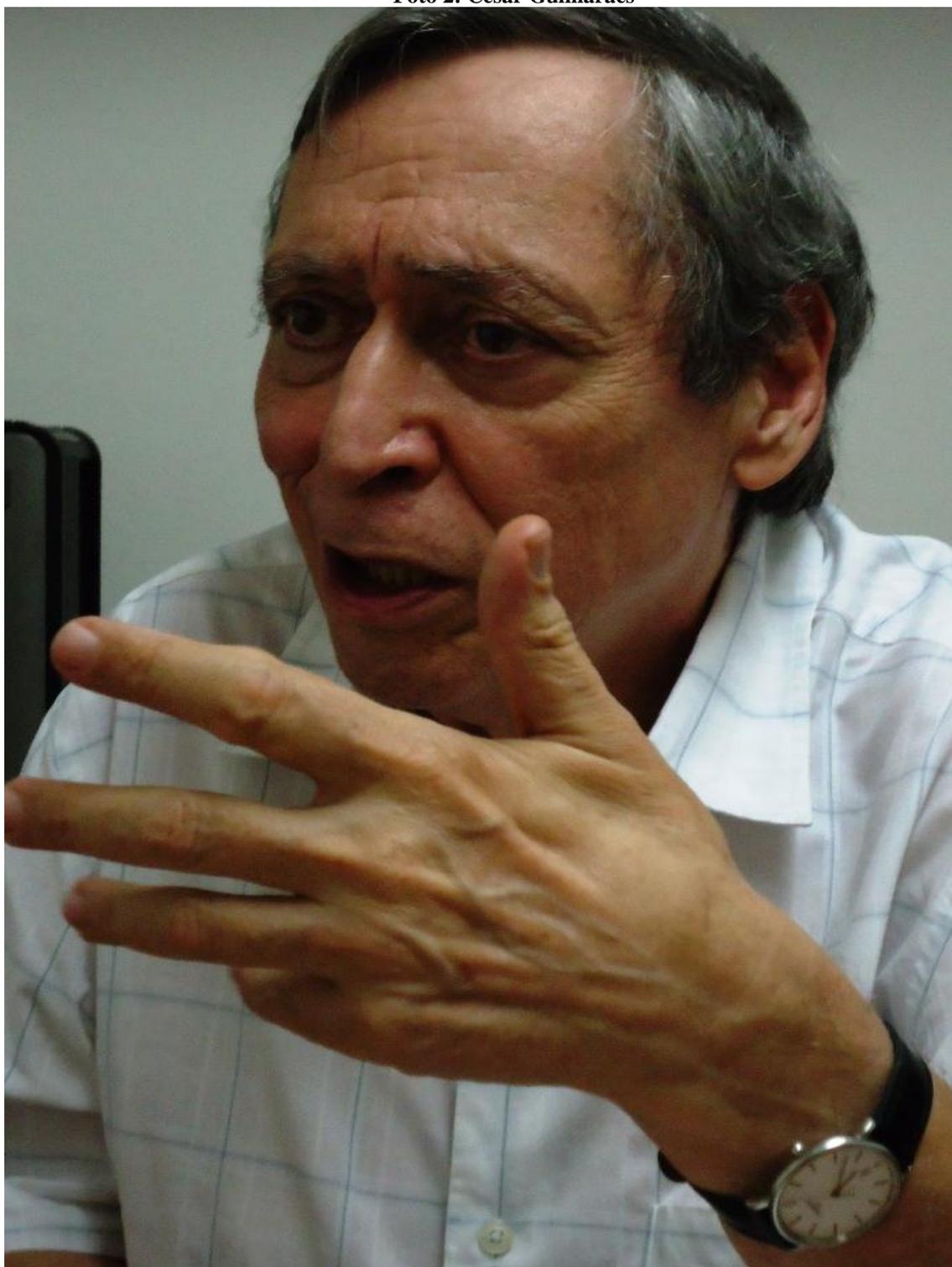
## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

freqüentemente mais forte e mais diversificado, com formas novas, num mundo que, por outro lado, é feito homogêneo sob o aspecto da economia em expansão – que homogeneíza e é capitalista ela toda. É por isso que quem trabalha com estudos subalternos já não opera com categorias de estudos nacionalistas, que são basicamente de origem européia. Quando não são, são releituras, recepções – como é o caso do ISEB. Uma das coisas mais interessantes a respeito do nacionalismo é que todo nacionalismo é, necessariamente, na vida e

na prática de um nacionalista, de um movimento nacionalista ou de um partido nacionalista, diverso por definição – identitário. O que ele está dizendo é: “eu sou o outro que você não é”. É o “nós ideal” do [Norbert] Elias. Mas se você observar teoricamente, simplesmente estudando, todos se parecem. Há certas proposições que são rigorosamente idênticas, é evidente. Como é que se põem essas questões a partir do Sul? Não sei responder a isso, mas já é uma outra história.

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA  
DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

Foto 2: César Guimarães



Fonte: Arquivos dos Entrevistadores

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

**Thais:** É interessante que nesse processo de reinvenção se queira buscar essas epistemologias do Sul...

**César:** É interessante, portanto, que os intelectuais europeus e americanos começam a se sentir inseguros a respeito das suas ciências, não é? Eu acho isso decisivo. A recepção que aconteceu e continua acontecendo, que se produz nos centros mais poderosos da riqueza e, pois, do saber (é sempre assim: poder-riqueza-saber com frequência vão juntos, particularmente o saber acadêmico institucionalizado), essa recepção tem sido tal que ela agora é refeita. Então, o saber do Sul é mais antigo do que imaginamos. Há toda a coisa de que estudos subalternos é um exemplo (são indianos que a essa altura já escrevem em Nova Iorque). Mas o saber do sul vem de algum tempo, é deste século. Quem se deu ao luxo de ler as memórias de Nehru? Faz tempo, não é? Quem foi o vietnamita que estudou em Paris? O Ho-Chi Min aplicou bem – de maneira que ele não precisou ser reflexivo, ele só agiu, não é? Para vencer três guerras, não é fácil – a guerra japonesa, a guerra francesa e a guerra americana. Prestemos uma homenagem ao povo do Vietnã porque no Vietnã é assim que se chamam essas guerras. Não se chama “guerra do Vietnã”. São os americanos que chamam assim – “a guerra que nós fizemos

lá”. Os vietnamitas chamam a “guerra americana”... É muita guerra, muita morte. Só na americana morreram dois milhões de vietnamitas, entre homens, mulheres e crianças. Soldados e não soldados. É uma vitória estranha, essa... Nehru estudou na Inglaterra e diz uma frase que tem muito a ver com um sentimento que já não existe, nas suas memórias (eu li a biografia faz muito tempo; na realidade, eu li nos Estados Unidos nos anos 1970 – eu não sei por que eu me dedicava a ler mais isso do que o que me mandavam ler em classe. Coisa estranha, não sei bem por quê – ou talvez saiba...). Ele dizia: “Sempre me senti, por mais integrado que fosse, um estrangeiro estudando na Inglaterra. Mas agora, em meu próprio país, eu tenho um sentimento de exílio”. Essa reflexão é uma simples frase de alcance notável sobre a condição colonial. Hoje, as coisas já não se dão assim; há um movimento de reflexão afirmativa por parte do Sul, o que incomoda. Por que incomoda? Vamos ver isso na vida – não na teoria, não no pensar, não na epistemologia, mas na existência. Então, o imigrante integrador, “integrativozinho”, que entrava ali pelo porto de Nova Iorque (sabemos isso pelo cinema, mas não só) e dizia o nome... E lhe falavam: “*I’ll call you Smith*”, “eu vou chamar você de Smith, de agora em diante”. Não é lá um nome novo – o sujeito tinha um nome polonês desse tamanho...

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

Isso acabou. A questão do multiculturalismo tem a ver um pouco com isso: as pessoas mudam de território, mas não mudam. Tem coisas, boas ou más, de acordo com a nossa opinião, que elas levam e que não se fundem com as coisas boas ou más do lugar de recepção. Então, há formas novas de conflito, o que faz com que a Europa seja assustadora. Porque ela não estava acostumada, digamos, com o mau comportamento de seus colonos. Ela agora tem que se haver com o mau comportamento dos seus colonos. Isso, por um lado, é assustador, a curto prazo. Pode levar a racismos e fascismos – fascismo é um termo genérico; e já está levando. Por outro lado, é enormemente enriquecedor do ocidente. Não há nada que melhore e que mais enriqueça o mundo europeu do que esta invasão africana, sul-americana, do que a diversidade cultural, a riqueza com que, ao contrário do que pensam muitos na Europa e nos Estados Unidos, o ocidente só tem a ganhar. Este “só ter a ganhar” é freqüentemente teorizado no Sul. E é uma frase que incomoda. Você pode imaginar países da Europa cuja população estagnou e que, de fato, se continuar a imigração, vão mudar completamente em sua composição cultural, étnica (as pessoas dizem “racial” – “raça”, nesse caso, é um fenômeno político-social, já que isso não existe biologicamente). De fato, é isso mesmo. Mas já ocorreu dantes. Isto

ocorreu sempre! Só que agora está ocorrendo ali, naquele lugar; naquela Europa já ocorreu tantas vezes... Invasões, imigrações etc. – a gente aprende isso no colégio, não é? Então, estão com sorte, ainda não tem nenhum Átila nessa história. Os hunos ainda não chegaram. Mas os otomanos assustam, não é? E quando não são os otomanos, que já são parte da Europa armada – que coisa estranha, a Turquia é parte da Europa armada –, são simplesmente pessoas desprovidas de qualquer poder. E assustam. E amedrontam. E provocam o pior que há nos seres humanos. E é grave, porque seres humanos freqüentemente são cultos. Uma das coisas importantes a respeito do intelectual, do homem culto e da mulher culta, é que ele tem exatamente os mesmos ódios, as mesmas raivas, os mesmos ressentimentos, o mesmo potencial de brutalidade do que qualquer um, com uma diferença: ele é pior, porque racionaliza melhor. Ele é mais sofisticado nisso. Então, a arrogância intelectual é complicada... Eu estou falando uma porção de coisas repetitivas, mas agora a respeito de outro assunto. “E, portanto, César, com o que você se preocupava nos anos 1950?”. Com tudo o que leva um jovem, nos anos 50, a pensar nos trabalhadores, nas pessoas oprimidas. Um mero sentimento elementar de justiça. Depois racionaliza-se isso, “luta de classes”, não sei o quê... Não importa –

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

não entra de outra maneira. Razão pela qual é tão tênue essa preocupação, essa entrada, desse tipo de ser humano que os comunistas do passado chamavam de “sentimentos pequeno-burgueses”... Mas é evidente que eram pequeno-burgueses, às vezes eram grão-burgueses, e daí? Eram sentimentos. Certamente, eram sentimentos – que coisa terrível, as coisas não são só razão. Eram sentimentos, tinham a ver com a sensibilidade. E é por isso, exatamente, que, sim, eles têm razão: é fácil você mudar de sentimento. Os sentimentos mudam. E, de repente, se diz: “pôxa, esse povo com o qual eu me identifiquei tanto não corresponde ao meu desejo, então ele está errado, e agora eu vou para o outro lado!” O mundo está povoado, a minha geração está povoada disso: a minha, as anteriores e as posteriores também. É impressionante. Eu já disse isso em algum lugar por escrito, está para sair um trabalho em que eu falo isso levemente. Mas, enfim, isso me impressiona... e eu estou respondendo à primeira pergunta...

**Thais:** Você falou de “humano”; estamos falando de “humano, demasiado humano”. Você falou da condição existencial desse Nehru que vai ao estrangeiro e depois se sente estrangeiro no seu próprio país. Falou do sentimento escondido atrás das razões... Em uma conversa, você disse uma frase sobre condição humana mais ou menos

assim: “o diálogo que a vida impede que se dê mesmo com as pessoas mais próximas”. Não sei se você se lembra disso. Vejo questões políticas aí envolvidas... Tem uma questão política? Em que medida? Não sei se a colocação funciona para você...

**César:** Não sei. A única coisa que me ocorre é que há diálogos na política que não se podem travar. Porque não se podem. Porque basta uma frase para que a conversa termine. Por mais que a conversação seja tão relevante para autores que eu respeito tanto (vamos usar a palavra “conversação” apenas para não perdermos muito tempo com complicações). Há coisas sobre as quais não há persuasão possível. Esse é um problema complicadíssimo da política. Porque há coisas que são rigorosamente indizíveis na esfera da interação humana. O que nos põe diante da questão complexa da tolerância, do respeito pelo outro. Eu tenho um certo horror ao termo “tolerância” por causa da sua ambigüidade. Não pelo lado positivo do termo, mas pelo lado de desigualdade que ele frequentemente envolve. Eu sempre brinco com isso: experimente dizer à pessoa que está a teu lado “eu te tolero”. Isso já estabelece a desigualdade, não é? Portanto, trata-se do respeito pelo outro. Há que tudo respeitar? Não. Não. Não! Se o sujeito me diz uma coisa racista, é quase

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

que meu dever intelectual responder mal, dizer que aquilo é racista. Pode não ser conveniente, você pode se machucar (mas isso é um outro assunto). O adequado moralmente é dizer: “o que eu estou ouvindo?” Por isso, é muito difícil imaginar uma situação ideal de fala, a não ser como algo marcado por alguma forma de transcendentalismo. Mas que, em geral, quer eliminar esse aspecto. E aí eu me complico, muito embora tenha enorme respeito por grandes filósofos do nosso tempo.

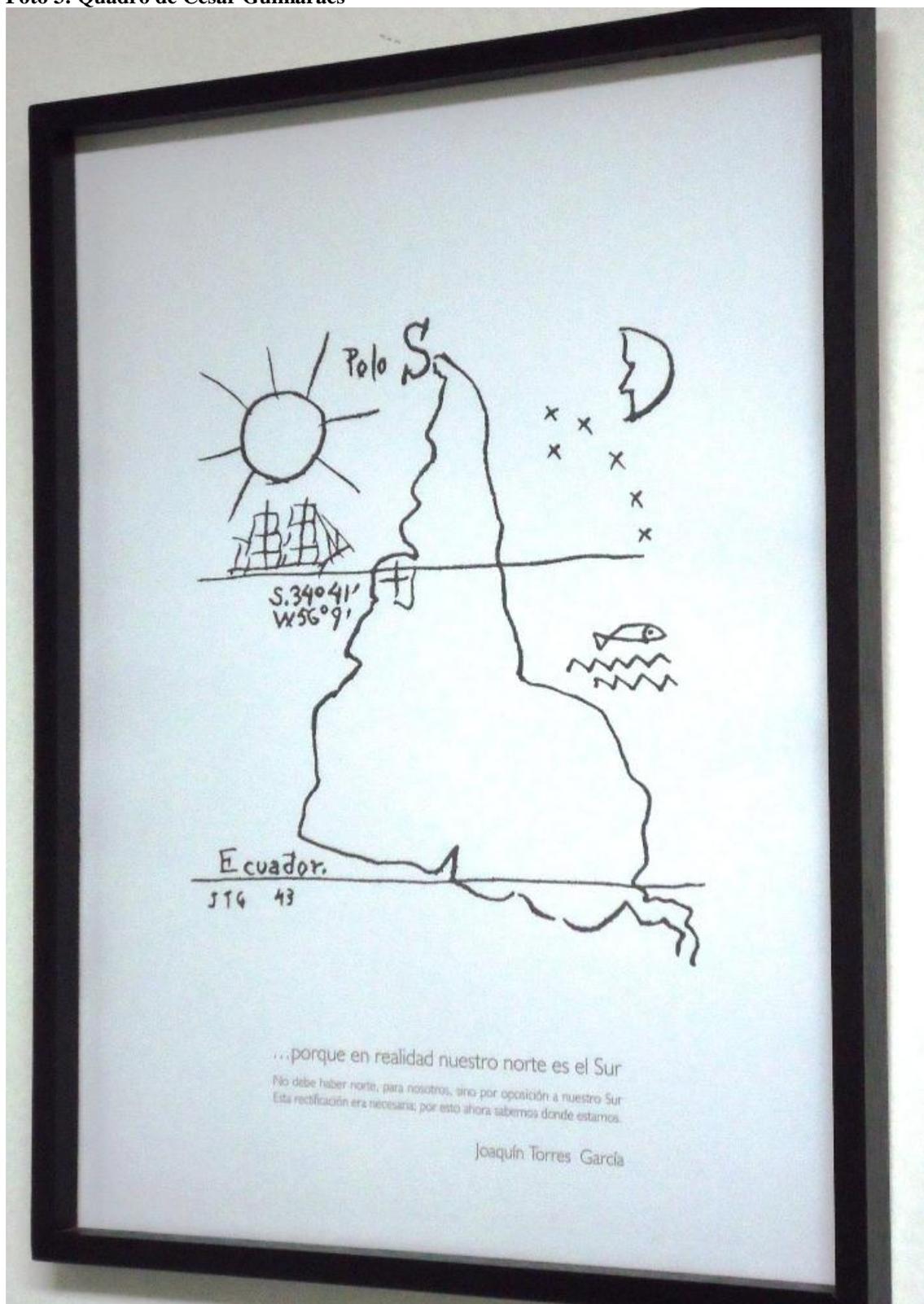
**Pedro:** Eu queria talvez dar uma guinada, voltar para a questão do Sul. Hoje no Brasil vivemos sob o governo do Partido dos Trabalhadores, um governo que desperta as análises mais variadas. Queria que você falasse sobre o que é estar sob um governo do PT há tanto tempo, o que isso representa para a esquerda brasileira, em termos de dificuldades: da dificuldade para a esquerda sobreviver diante disso e da dificuldade de governar.

**César:** O ponto não é o Partido dos Trabalhadores. O ponto é: como definir a esquerda? Se você define a esquerda de certa maneira, que supõe transformações fundamentais na ordem capitalista, ou a

sua superação, então por decerto não existe esquerda no poder em país nenhum. Isto inclui a China, onde o Partido é comunista, veja você. No caso brasileiro, há diversos aspectos. De um lado, há uma adaptação do Partido dos Trabalhadores à nova ordem mundial, amenizando-a, aprofundando certos tipos de programa que são parte dela. No sentido de que a política social que se faz no Brasil, se faz em outros países da América Latina com outro nome: não importa se é o México, se é a Argentina, ou se é a Venezuela. Aliás, eu vou ver os valores relativos ao PIB em cada um desses países para ver quem gasta mais assim... Se se trata desta outra esquerda: mas é ela possível? Vamos pensar em partidos de esquerda social-democratas europeus. Como se chama mesmo o partido social-democrata da Espanha? Já mudou de nome ou não? Porque é Partido Socialista Obrero Espanhol...

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

Foto 3: Quadro de César Guimarães



Fonte: Arquivos dos Entrevistadores

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

**Thais:** O nome continua o mesmo...

**César:** Continua o mesmo. É um nome muito denso, não é? Mas quando chegou ao poder, a política que pôs em prática foi a de entrada na Europa, se eu bem me recordo, ali pelos anos 1980. Até porque, enfim, por acaso eu observei – turistas observam coisas fora do roteiro –, era um momento terrível de desemprego etc. Depois se recupera, e agora volta à mesma coisa... Esse é um aspecto. O Partido dos Trabalhadores entra e, certamente, com relação à população mais pobre – eu não estou falando sem refletir a palavra “pobre”, porque “pobreza” passou a ser o conceito-chave nessa história toda... Então, certamente há um sentido positivo, há circunstâncias internacionais, há deliberações internas, tudo isso é fato. Por outro lado, isso é um bloqueio a formas tradicionais anteriores de esquerda, possíveis ou não; mas o bloqueio é total. Grupamentos e partidos à esquerda, quer lá o que isso signifique, haverão de demorar em consolidar-se particularmente tornando-se um todo. Eles são parte de uma vasta aliança que o PT comanda. Do ponto de vista do funcionamento institucional, impossível ser de outra maneira. Não há como lidar com múltiplos partidos e múltiplos interesses nesse contexto. Por exemplo, de acordo com o que eu leio, o Brasil é assim: ou a crise já

está aqui e nós não vemos porque somos cegos ou a crise aqui não chegará porque estamos perfeitamente protegidos. Já ouvi isso dantes. Certamente não foi nesses últimos 10 ou 15 anos. Aqui é uma ilha de tranquilidade? Não se trata de uma coisa nem de outra. Já se tem problemas de crise. Neste momento, então, começa a criar-se condições para outros tipos de movimentação política. Certamente, se não temos “indignados” a sério na praça é porque, enfim, a crise não nos afetou. Não estou dizendo que são apenas crises econômicas que nos afetam, mas afetam. Tudo indica que haverá continuidade do governo do PT? Não sei, não faço a menor idéia. Noto, sim, que a oposição mais consistente está sem muito o que dizer.

**Rafael:** A propósito das denúncias de corrupção governamental veiculadas na imprensa, pode-se dizer a pauta da oposição é jornalística?

**César Guimarães:** É. Isso é incrível. A oposição ao Lula ficou pulverizada e fragilizada, a despeito de seus governadores eleitos que, a propósito, não se entendem entre eles. Há, no entanto, outra questão a falar do governo Lula, e não do PT. É o choque simbólico que representa a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. Um choque terrível sobre as elites tradicionais do país, quaisquer que sejam.

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

Como é que pode ocorrer sua eleição? Eu não sou especialista em saber “como é que pode”; o fato é que não há esse exemplar de chefe de Estado que tenha essa origem operária e, além do mais, sem educação formal mínima ou “adequada”. Adequada a quê eu não sei... Então, isso é um choque, a despeito de suas políticas não terem nada propriamente de radical. Não são políticas radicais, ainda que algumas dessas políticas ferissem interesses, o que, por certo, é diferente do governo anterior. E é diferente. Esse choque provoca ressentimento, ódio. Então, é muito complicado. Por outro lado, promove, seja ou não o desejo de Lula, uma valorização da auto-estima da pessoa que se identifica com aquela condição. Isso por sua feita tem o aspecto positivo e o aspecto negativo, dependendo do lugar em que você se põe na política. De um lado, é integrativo, quer dizer, integra as massas. Por outro lado, valoriza o homem da massa, o homem que não podia estar lá. E, portanto, se julga no direito de ter o direito que deveria ter, que é o de falar. É um jogo meio complicado. Por isso as pessoas falam em “lulismo”. Não sei bem o que é isso, mas eu entendo o impacto. Dizer que “Ah, não tem importância porque as políticas são...”. Não tem importância? O que não tem importância? Weber? Olhem, é uma coisa unguida, não?

**Rafael:** “Lulismo” seria uma reintrodução da categoria “populismo” no Brasil?

**César:** Algumas pessoas na verdade utilizam isso para falar de populismo – o que quer que isso signifique –, outras não. Com frequência, populismo diz respeito a políticas populares de que a gente não gosta. Essa é a definição que eu costumo usar. Corporativismo são os interesses organizados de que nós não gostamos, e assim por diante. Alguns conceitos têm essa capacidade de ser bastante livre de valores. [risos]

**Pedro:** Algumas pessoas caracterizam o governo Lula como pós-neoliberal. Na sua disciplina, quando você trata da democracia de 1946-1964, distingue o governo Vargas pelo nacional-desenvolvimentismo, tendo como símbolo máximo a Petrobras. Fala também de um outro desenvolvimentismo, dessa vez não no sentido propriamente nacional (ou nacional de um outro jeito), para se referir ao governo de Juscelino Kubitschek, cujo símbolo seria Brasília. Que desenvolvimentismo temos hoje? Será que a categoria pós-neoliberalismo é interessante? E qual seria o seu símbolo?

**César:** Para começar, vamos esquecer dos anos 50 e depois voltamos para lá. Não há nada pós-neoliberal. Outro dia um amigo

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

me dizia: “o neoliberalismo foi derrotado”. Eu disse para ele: ele não foi derrotado, ele é o ar que você respira. Você o derrotou no mundo da sua cabeça, no mundo das idéias. Na vida, ele é o mundo. O que se faz são movimentos de adaptação. Neoliberalismo é apenas um nome feio ou bonito para tratar da expansão capitalista no mundo, sob o comando do capital financeiro e por aí vai. Não há “pós” nada. Pode existir uma ênfase maior (e aí é uma outra coisa), ou seja, certo temor de uma nova forma de divisão internacional do trabalho que deixa o país ao relento em uma situação de crise. Esse temor ocorre porque o país se torna, como no passado (digamos nos anos 50), exportador do que agora se chama *commodities*. Palavra estranha porque portuguesa e se torna inglesa e nos retorna em inglês. Comodidade era uma palavra usada pelos comerciantes portugueses no século XVI e XVII. Mas nós preferimos mercadorias; então, bolsa de mercadorias é bolsa de *commodities*. As palavras andam de acordo com quem comanda o capitalismo mundial, as palavras que dizem respeito ao comércio, à indústria etc. Então, há pessoas que se importam com o mercado interno e, portanto, com a indústria, com movimentos de desindustrialização que ocorreram em alguns países. No Brasil, menos; na Argentina, mais. Então, introduziu-se esse elemento e deve-se ter certo cuidado ao

introduzi-lo, porque as coisas hoje vão muito juntas. Parte da indústria produz infra-estrutura e/ou bens utilizáveis no mundo de uma agricultura e de uma mineração de exportação, e por aí afora. Essas coisas estão mais e mais fundidas. Então, o desenvolvimentismo de que se fala imediatamente remete à infra-estrutura. Fala-se da redução do “custo Brasil”: transporte, porto etc. Parece um plano de metas; digo isso mal comparando, não é a mesma coisa, mas é essa a idéia. Esse movimento existe. Junto com ele, existe também o movimento de se preocupar com a indústria para o mercado interno. É um equívoco achar que as economias crescem baseadas apenas na força de sua exportação. Elas ficam frequentemente dependentes dos preços de *commodities* que podem variar muito. Então, economias grandes que contam com um mercado interno em crescimento podem preocupar-se com essas questões. O que ocorre em contraste com os anos 50? Nesse caso, não é o Brasil. A indústria era a solução para todo e qualquer país recém-independente ou de áreas conhecidas como subdesenvolvidas, a exemplo da América Latina. Não importa o tamanho do país, da população: industrializa-se. Evidentemente, certos mercados eram muito pequenos, sendo preciso proteger essa indústria, de maneira que se protegia a indústria automobilística local contra os

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

carros da matriz dessa mesma indústria. Recorde-se, pois não faz tanto tempo, de o presidente Collor chamar os carros brasileiros de carroças. Assim, entra-se em um mundo de protecionismo que a meu juízo não favorece ninguém, a não ser quem é protegido por pouco tempo. Por outro lado, que idéia desenvolvimentista? Que diabos é isso, a bem da verdade? Eu não sei. Suponho que por desenvolvimento entende-se mesmo acumulação de capital. Então, pretende-se que ela se amplie na área da indústria, da chamada economia real. O que isso significa? Significa lucro para quem produz nessa área. Simplesmente crescer é isso o que significa, criar emprego e por aí vai. Mas o crescimento acelerado tende a produzir uma diferenciação enorme na distribuição tanto de renda quando de ativos, de qualquer natureza, financeira ou não, acumulativa ou não. Isso é evidente. Se ninguém interfere... Socialdemocratas no pós-guerra interferiram nesse processo, impedindo que milagres alemães se transformassem em milagres que enriquecessem os herdeiros da indústria alemã. Às vezes eram apenas filhos dos rapazes que antes forneceram coisas necessárias às tropas alemãs. As gerações se sucedem, você sabe como é. Na Itália, quem financia o fascismo é o pessoal de Turim. As empresas são as mesmas, tem os mesmos nomes, às vezes até o mesmo time

de futebol. Os pneus são os mesmos. De volta ao assunto, se você acrescenta apenas a palavra desenvolvimentismo, você volta aos anos 50, em que a idéia era essa. Estou falando com alguém, me lembrem. O desenvolvimentismo era, digamos, a face terceiro-mundista da socialdemocracia. Nela havia a dupla fonte de salário, uma fonte monetária e outra não monetária (a dos serviços prestados pelo Estado Social). No desenvolvimentismo não havia isso. Havia empregos, alguns melhores do que os empregos rurais. E ponto. Supõe-se que quem diz desenvolvimento, diz bem-estar. Não me lembro mais o autor que li em Chicago, que dizia que desenvolvimento econômico com frequência significa *ill-fare*, ou seja, mal-estar. Por si só, desenvolvimento econômico não diz nada. E isso no sentido tradicional. Não estou pensando nas implicações ambientais ou nada do tipo, o que complica mais ainda. Mas você perguntou sobre os anos 50 e as minhas distinções. Elas são mais ou menos simples. O industrialismo ganhou no final da Guerra. Já vinha ganhando nos anos 30 e no final da guerra ganhou. Ganha ainda no governo Dutra, porque as idéias de que nós tínhamos, em uma rígida divisão internacional do trabalho, o papel de produzir café, cacau e algodão foram derrotadas. Essas idéias foram derrotadas, embora a importância dessa produção fosse enorme, inclusive, financiando a

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

contragosto a industrialização. Além dessa produção, também a inflação teve esse papel financiador, ou seja, nós, os que trabalhávamos. Inflação é isso, é o imposto mesmo. A questão é: qual industrialização? O período Vargas parece ser marcado por essa industrialização que vinha associada a uma idéia de autonomia nacional, ao nacionalismo econômico. Não é que Vargas fosse um nacionalista, muito embora seus discursos nesse período o sejam. Mas o governo é uma peripécia muito complexa e contraditória. É uma coisa em sua primeira parte e outra na segunda. Eu sei que a literatura diz o contrário, mas, lamento, eu discordo da literatura. Meu problema não é o que se votou no Congresso, as 35 mil coisas... Houve a criação da Petrobras, do BNDE e as controvérsias em torno disso tudo. E é em torno disso que se dão as lutas políticas que levam ao golpe contra Vargas. É em torno disso, do câmbio e de mais três ou quatro assuntos, como sempre... No entanto, para os observadores que favoreciam Vargas e para os observadores que a ele se opunham, aquilo era um nacionalismo. E que hora ruim: Guerra da Coreia, início da Guerra Fria. Nacionalismo passa a ser uma coisa perigosa, mesmo quando nas mãos de Vargas, que não podia ser chamado de um esquerdista notável. O segundo período é um período de adaptação. Aliás, pobre se

adapta. Pobre é um leitor de Darwin sem saber. Ele vai se adaptando, caso contrário, não sobrevive. Rico pode se dar ao luxo de ser um dinossauro. Então, qual é a adaptação? Adaptação significa indústria. De maneira mais dura mesmo, o problema é industrialista. Mas retira-se o nacional. Quer dizer, aí vem a demanda por capital estrangeiro, propiciada, aliás, por medidas tomadas durante o governo Café Filho, com a Instrução 113 [Portaria da Superintendência da Moeda e do Crédito - SUMOC]. Há toda a história econômica já estabelecida sobre isso, não esquecendo do papel do ministro da Fazenda Eugênio Gudin. “Já que não tem jeito, pelo menos que não seja só capital estatal”... Assim, o nacionalismo econômico estava presente na América Latina daquele momento. Pensem no México, no peronismo, na esquerda em geral, no Chile a partir de determinado momento. Pensem também no nacionalismo que, por motivos óbvios, não era apenas econômico, como nas nações em descolonização; ou, no nacionalismo que se funde com movimentos de orientação comunista, como é o caso chinês. São movimentos de libertação nacional – não é o nosso caso por aqui. Já Cuba tem uma relação muito própria com os Estados Unidos e não vale a pena adentrar nesse assunto. Não é a mesma coisa e é bobagem misturar alhos com bugalhos. Então se retira esse caráter

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

nacional – continua-se até falando nele, mas a política é outra, muito embora a indústria permaneça. Eu não comento o período João Goulart, em que há a introdução das reformas de base, que confirma o industrialismo, mas que passa a considerar o problema agrário – e esse problema não acaba. Há integração muito clara do movimento sindical dos trabalhadores, que não são mobilizados pelo João Goulart tão-só. Essa é uma má leitura. Deve-se olhar como uma via de mão dupla. Era uma transformação que vinha se operando, porque o movimento sindical era muito controlado. A repressão era muito violenta em toda esta democracia. O ministro da Justiça do general Geisel era o mesmo ministro da Justiça do Juscelino Kubitschek. Era a mesma pessoa, só que mais jovem: as mesmas idéias e “nada a declarar”. O povo convivia muito com a repressão ao movimento das classes subalternas. Essa integração, essa entrada em cena, para os teóricos do populismo parece, incrivelmente, o pior momento. “Imagina, greves políticas!” – li eu não me lembro em que autor. Eu penso: é mesmo? Quer dizer que greve política não pode, que trabalhador deve fazer greve por salário? Esses autores escrevem do ponto de vista da esquerda, o que torna para mim as coisas mais incompreensíveis. Eu não entendo coisas muito sofisticadas. Para

certas concepções do populismo, esse é o pior período, o período em que ocorre manipulação etc. Sem este nome, a direita o dizia: Goulart está manipulando os sindicatos, estabelecendo o peronismo no Brasil etc. O termo populismo e as idéias sobre populismo no Brasil são formulados antes do governo João Goulart, desenvolvendo-se mais posteriormente, como uma espécie de acerto de contas com esse passado em que, afinal, o que quer que se chamou de esquerda foi derrotado. “Então é porque adotou as políticas erradas. Em geral, você é derrotado porque adota as políticas erradas, não é verdade?” Não faz sentido nenhum dizer isso... Políticas certas são derrotadas exatamente por isso, não têm força. Uma das questões atuais é formulada por críticos da idéia de desenvolvimentismo. Eles valem-se da crítica adequada, dizendo que o governo Dilma tem essa visão desenvolvimentista. Não está claro para mim que desenvolvimentismo é esse. Entendo que há uma preocupação com o mercado interno – e tem que haver, dada a natureza da crise. Não se pode ficar vivendo da compra de minério e soja pela China. A crise chega lá, então o crescimento diminui, logo é preciso se proteger. Proteger, verbo terrível. Essas crises levam todas as economias a se protegerem. Depois vem mesmo o quê? Às vezes vêm coisas muito ruins. Eu me protejo, você se

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

protege e ele acaba fazendo guerra. A história não se repete, mas esse é um mundo em que os atritos aumentam. Cada governo tem que cuidar da economia de seu país a despeito de o mundo ser globalizado – ou por isso mesmo. Às vezes parece que há um apelo ao desenvolvimentismo por parte do governo como tentativa de vínculo com esse passado. Mas esse passado está tão longínquo, a maior parte da população sequer tem muita consciência disso. Às vezes é a oposição que usa isso para dizer que o governo é retrógrado. Pergunto: e o meio ambiente? E as várias coisas novas e importantes no cenário atual?

**Rafael:** Quer dizer que a crítica atual ao desenvolvimentismo do governo do PT é adequada?

**César:** Não, não quis dizer isso. Eu me interessei mais pela origem da crítica, vinculando a idéia de que se trata de protecionismo e de criar uma indústria artificial. E ainda a idéia de por o Estado a operar para financiar essas atividades no momento em que a austeridade fiscal é fundamental. Uma austeridade que interessa a todos, principalmente aos rentistas. Certamente interessa a todos; ninguém quer inflação. Inflação corrói renda de rentista e salário também. Agora, tenho a impressão de que os assalariados

não estão tão bem representados assim na opinião das pessoas espertas em matéria econômica.

**Thais:** Faz parte da pauta desta entrevista explorar seus estudos sobre América Latina e democratização. Você pode falar das democracias da Bolívia e Venezuela, talvez compará-las quando cabível?

**César:** Quando penso nessas questões não penso muito sob o aspecto da democratização. Penso um pouco nos experimentos que vem se fazendo aí. Acho que não são paradigmáticos de nada que seja socialismo. São coisas bem diversas. {...} Que política Chávez põe em prática? Ele diz que aquilo ali é o socialismo bolivariano, posto em prática pelas “Misiones bolivarianas”. O fato é que é uma política social muito parecida à posta em prática em outros países. Ponto. E acabou.

**Thais:** O que há de experimento interessante?

**César:** O único experimento é de integrar ou de trazer de maneira diversa para a democracia representativa uma população que liquidou com os partidos tradicionais. Não há nada de especial na Venezuela. Se as condições de temperatura e pressão continuarem, daqui a pouco haverá rodízio

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

no poder e se encerrou o assunto. Então, por que essa atenção em torno de Chávez? É simples. Por causa de sua política externa, menos pelas ações e mais pela retórica. Ele resolveu que a Venezuela é um país – vou usar a linguagem da teoria realista nas relações internacionais – revisionista. Nesse sentido, ele quer criar um bloco antagônico ao Ocidente e aos Estados Unidos. Não dá para fazer isso a partir da Venezuela ou de qualquer país da América do Sul. Não dá, é só olhar o mapa. Chávez não precisa nem olhar para o Norte, ele agora olha para o lado e vê quantas bases militares existem na Colômbia. {...}A única coisa interessante foi a introdução de instrumentos liberais clássicos de consulta que foram usados, e usados adequadamente, na política rotineira da Venezuela. Ponto. A oposição era toda parecida com a banda de música da UDN, mal comparando. Agora parecem políticas habituais e normais.

**Thais:** E os tais círculos bolivarianos?

**César:** Não dou a menor importância a isso. Até porque não acredito em deliberações ou participações induzidas. Não vejo nada de democrático na indução à participação. É simplesmente a indução de apoio. Que isso possa ter como consequência o fato de que as pessoas começam a gostar, que do intento de

cooptação elas passem a participar, não há aí nenhuma novidade. Não há fenômeno social que não tenha mais de um sentido. Conselhos e coisa do tipo são elementos de democratização? Depende. Se induzidos pelo Estado, é complicado. Mas em algum momento, dependendo de quem participa e como participa, podem se transformar. Isso é absorvido perfeitamente pela teoria liberal da representação sem a menor dificuldade.

**Thais:** Nesse caso, estamos falando também do Brasil?

**César:** Acho que sim. Mas, agora bem, é claro, que “é melhor do que nada”. Quase tudo é melhor do que nada, visto que nada é nada. O caso da Bolívia é outro. Não se trata de que uma oligarquia seja liquidada, a participação popular aumente, a vida partidária se retome de outra maneira. No caso da Venezuela foi isso. No da Itália também, por outros motivos. Onde estão os partidos tradicionais italianos? Desse tamanhozinho. Sabe-se que há democratas cristãos, bons comunistas, e estão sei lá onde. São muito poucos. Algumas lideranças socialistas morreram no exílio porque foram processadas por corrupção, como há pelo menos um caso famoso. Então a partidocracia – é assim que se chamava, não? – acabou e entrou em cena outra coisa, nada melhor, mas enfim... Isso

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

ocorreu porque o país era dependente, não da bonança petrolífera, mas da Guerra Fria. Com o fim da Guerra Fria acabou a política italiana habitual. Ponto. Itália era um lugar tão complexo quanto a Grécia ou a Espanha. O Mediterrâneo durante a Guerra Fria é um problema. Parece que a gente esquece que houve ditadura na Grécia, não é fato? Esquece que o eurocomunismo nasce, entre outras coisas, de um esforço do partido comunista de caminhar algo ao centro à conta das possibilidades de golpe de estado. Por ali corriam outros círculos políticos mais extremados. Lembrem-se, a transição franquista e salazarista é dos anos 1970! O caso da Bolívia é outra história. É um país que tentou integrar sua população por uma via e não deu certo. E agora intenta de outra maneira. Daí essa miscigenação popular e um indigenismo. Nesse caso, não é a indução de participação, mas a participação efetiva. Então, é um experimento democratizante interessante. Por ser muito recente, é difícil avaliar. Há um sentido de participação mesmo, que começou dantes, mas certamente se afirma com o governo Evo Morales. Governantes diferentes, diferentes pelos opositores. Em um determinado momento, Chávez tentou formar na região um núcleo de países por meio de financiamento. Não funciona assim. A “esquerda possível” – e agora não falo da Bolívia, mas da política recente do

Peru e outros – já entra adaptando-se ao mundo. Digo esquerda possível porque eu não consigo nem caracterizar bem a coisa, então esse é o termo usado. Toda uma linguagem anterior foi mudada para ganhar eleição, ainda mais tendo em vista o tipo de segundo turno eleitoral. É preciso ter muito cuidado porque esses experimentos das “esquerdas que ganharam na América do Sul” consistem em processos eleitorais, a partir dos quais essas forças podem perfeitamente perder como acaba de ocorrer no Chile. {...} Mas você estava perguntando sobre outra coisa. Quer dizer, o que pode fundamentar uma idéia substantiva de igualdade, que as pessoas associam, por exemplo, ao comunismo, no mundo contemporâneo? Certamente não é a dinâmica material do mundo. Que essa dinâmica “engendre não sei o quê”... Eu lamento muito, mas ela não “engendra” senão o que está “engendrando”. O que engendra qualquer coisa é a luta contra isso e ela não é um cogumelo derivado do desenvolvimento das forças produtivas.

**Pedro:** Já ouvi você falar que é preciso pensar o comunismo para além do marxismo. E isso que você acaba de dizer, que as forças produtivas por si só não engendram nada, nada de emancipatório... Como ser comunista para além do marxismo?

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

**César:** É uma mera reflexão. Eu não sei se sou comunista. O ponto não é esse. Mas pensando a respeito, eu digo, evidente que há o lugar das forças produtivas na globalização. Estou pensando que o mundo é capitalista. Também estou pensando em uma unidade, quanto mais avançadas sejam as economias, e cresçam particularmente em seus aspectos reais, melhor. Maior liberação do trabalho bruto. É preciso não ter trabalhado numa fábrica fordista para gostar do momento anterior. Demandas antigas da velha esquerda desde o século XIX pela redução das horas de trabalho são hoje mais atuais do que dantes. Porque hoje [isso] é possível, exatamente em razão da tecnologia. A tecnologia não é criada porque a ciência a produz; certamente a ciência a produz, mas ela [a tecnologia] se torna utilizável para reduzir o peso da força de trabalho quando ela demanda. Senão você migra o seu capital ou ambos, o capital e a força de trabalho. Nesse ponto estou sendo canonicamente marxista, se não me engano. Daí não deriva um movimento político por um motivo simples, simplório: as pessoas têm horror a lembrar das vitórias da derrota. Uma das vitórias da derrota é 1968, e entre as conseqüências está a percepção de que a opressão sobre os seres humanos não é apenas de classe. Isso não tem nenhuma explicação razoável – com perdão a Daniel Bensaïd – via

marxismo. Não adianta tentar hierarquizar, dizer que aqui está a classe, depois a discriminação por gênero e depois por etnia, e tentar por tudo isso em ordem. Só é possível por em ordem na cabeça; na vida, não vai por. Só vai por em ordem por convergência, portanto é uma questão de longo prazo. O que unificam essas coisas? Talvez algo bastante “idealista”. No meu caso, é a reflexão sobre a dignidade, sobre a autonomia. Dito de outra maneira, muito difícil dizer-se comunista alguém que acha que o indivíduo não está no começo, mas está no fim. O indivíduo livre está no fim. Ele é indivíduo. E ademais ele é diferente. A bem da verdade, na utopia, no lado utópico marxista, isso está presente.

**Pedro:** A pensar que o livre desenvolvimento do indivíduo só é possível com o livre desenvolvimento de todos...

**César:** Ou na idéia da troca de papéis presente na *Ideologia Alemã*: você pode ser pescador, pode ser pensador. Eu sempre acho que você vai ser mau pensador e péssimo pescador, mas essa é uma outra história. A questão é que ainda se está pensando com as categorias da divisão do trabalho da época. Enquanto se pensar assim, fica difícil. Mas de qualquer maneira é uma reflexão. Como isso ocorre? As pessoas, os teóricos, não se encontram.

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

Teóricos que trabalham com problema de identidade lançam mão do conceito de dignidade humana e então o mundo do trabalho desaparece. Você notou que a classe operária desapareceu? É porque você não vai à China. Ela está toda lá. Talvez o tamanho da classe operária nunca tenha sido tão grande no mundo enquanto neste momento. Só que ela está em outro lugar. O fato de ela não falar inglês fez com que se a desqualificasse. Ela não é vista. As pessoas falam que o mundo é global e não percebem o que é isto. Todas as grandes fábricas poluidoras americanas (há exceções) estão na China, que as aceitou de bom-grado. Por isso a China polui tanto. Detroit agora já não polui nada. O problema agora é limpar o entulho em que aquela cidade se transformou. Então, eu fico pensando em torno do conceito de dignidade, derivando-a da idéia de autonomia pessoal, dizendo assim: se suas chances vitais, suas oportunidades de existência, dependem de outrem de tal forma que esse outrem possa suprimir suas chances de vida, reduzi-las e torná-las enormemente difíceis por vontade própria ou por dificuldades próprias, então neste contexto o indivíduo não tem autonomia. Essa é uma situação em que o ser humano carece de dignidade por definição. Certamente é uma leitura muito pouco kantiana de Kant. Eu não creio que ele gostasse disso.

**Pedro:** Uma concepção materialista de autonomia?

César: É, digamos. Não penso na moral, estou pensando simplesmente na existência humana. É materialista mesmo, trata-se da existência efetiva, de viver. Viver não é comportar-se moralmente. Isso é um aspecto de “viver”. Viver é um verbo horrível, assustador, é pior que morrer. Morrer: ponto e acabou. Já viver... Como é que isso converge? Converte porque movimentos de resistência são de natureza política. De repente, eles se encontram sem saber. E se encontram porque se encontram. E se encontram contra o poder. Vamos voltar aos autores marxistas, ver as definições de quem tem poder e avaliar se tem importância. Mas primeiro vamos ver... Ver? Quer dizer, eu não vou ver nada, se puder eu vou agir, no sentido de que é a questão de dignidade humana que está em jogo, e tanto mais está quanto mais chances há de que essas questões se resolvam. Penso em frases simples como: “pela redução da...”. É uma frase clássica presente no Manifesto Comunista, que reproduz demandas dos trabalhadores em meados do século XIX. Continua na pauta ou não? Está na pauta, inclusive, dos partidos socialistas mais mambembes, ou seja, de todos. Isso tudo é muito confuso na minha cabeça, eu não sei como operar

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

com isto, eu só estou vendo. Vejo as pessoas fazerem racionalizações, no pior dos casos, ou interessantes teorias, no melhor deles, por conta das questões de emancipação étnica, de gênero ou de classe. Aparentemente essas coisas se chocam. Mas, de repente, não se chocam, não é? De repente, quem está mesmo na Praça do Sol? São as mulheres, os desempregados, os jovens, os trabalhadores, os imigrantes... Todos, não? Na hora da crise, essas coisas se unificam de alguma maneira. Se os marxistas explicam essa unificação, é pela crise. Meu problema não é só a unificação pela crise, meu problema é saber como unificar para sair da crise não apenas resistindo. O problema não é resistir: é a emancipação. Emancipar-se, é um passo à frente. Aqui está a palavra comunismo, no sentido originário, sem muros. Essa palavra, que foi cercada por um muro e destruída por aquilo que havia de tão denso e tão importante para a dignidade humana. Então, se me perguntassem: o que fazer? Eu tenho lá resposta para uma coisa dessas! Não faço nada, estou aqui só pensando. Perguntem isso ao Vladimir Ilitch e dirá bobagem no momento atual. Porque o momento é outro, não se trata de um século atrás, nem de 50 anos atrás, sequer 30 anos atrás. “Meia oito” [1968] é uma coisa impressionante, e as pessoas não percebem. Desculpem, eu vou elaborar.

Em “meia oito” havia a fantasia em alguns setores que participaram desse movimento. Eles participaram pelas razões mais diferentes: alguns eram contra a guerra (no caso dos Estados Unidos), outros eram movimentos de trabalhadores mesmo. Em “meia oito” a greve geral foi dos trabalhadores, que saíram às ruas porque a situação ia complicar. De Gaulle chamou lá seus amigos, quer dizer, antigos inimigos. Os trabalhadores saíram da greve, deixaram os estudantes só fazendo bobagem – bobagem nada, depende. Imaginava-se que todas essas coisas represadas iam juntas, por exemplo, o movimento de mulheres, o movimento ligado às minorias raciais, grupos que na verdade em alguns casos são majorias. Mas elas não iam juntas, elas se uniam, desabrochavam. Elas iam juntas porque elas causavam o mesmo temor e impacto sobre os poderosos, cujo esforço foi de pôr cada coisa em seu canto. Nesse momento é isso; isso significa fragmentação. Não me importa, a fragmentação é um momento apenas diferenciado de uma unidade que era falsa. Isso já em “meia oito”. Como alguém podia levar a sério o Partido Comunista francês? Só [Louis] Althusser, que ficava escrevendo folhetos sobre o que não podia acontecer no partido. Falo do Partido Comunista francês como de qualquer outra coisa. Todas essas demandas presentes em “meia oito” estão

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

entre nós – o problema é como elas se convergem, pois todas são pela dignidade. Muito embora uma possa se explicar pela extração da mais-valia, se você quiser, e a outra não tem nada a ver com a mais-valia, salvo melhor juízo. E não adianta tentar explicar assim porque não vai explicar. É complicado, porque as pessoas não pensam politicamente no banal, no cotidiano. Eu cito isso sempre: vocês conhecem o filme *Milk* [do diretor Gus Van Sant]? Esse vereador eleito em São Francisco com a plataforma rigorosamente *gay* e que torna pública a expressão “sair do armário” foi um homem rico. Com a expressão quis significar que se pessoas como eles, que são massacradas, violentadas pela polícia, pelos homofóbicos, saíssem do armário, eles [os homofóbicos] teriam mais dificuldades porque “nós” temos poder. Salvo melhor juízo, ele era do Partido Republicano. Então, eu vou negar a importância desse ato porque na outra esfera da política ele não pensa? As pessoas falavam muito em contradições, pois agora lidem com elas. Especialmente, não vejo respostas ortodoxas, do tipo marxista, que me satisfaçam, por isso eu fico elucubrando – e acho que tem muita gente nesta sala elucubrando questões da mesma espécie de maneiras diferentes.

**Thais:** Você está falando da importância de se pensar a democracia a partir do socialismo...

**César:** É. Eu não posso entender nada que diga a respeito ao *dēmos*, a não ser pensando a partir do valor iluminista da igualdade e no caso da dignidade. Valor iluminista apropriado pelo liberalismo, como sabemos, para quem o mundo é um mundo de idéias, como Mannheim explicava. O conceito chave é “a idéia”. Evidentemente que Mannheim está pensando em Kant. Idéia de liberdade, idéia disso e daquilo, o que às vezes é um pouco cômico. A liberdade *versus* a igualdade. Não é bem isso. Somos nós contra aqueles. Mas foi assim que o ideário liberal se estruturou e organizou o mundo nos últimos 200 anos, a despeito das relações parasíticas a que se chamou o socialismo real. Parasíticas, rigorosamente parasíticas. “Socialismo é industrialização” – a frase é de Lenin. Mas como assim, eu não entendi? Então eu não posso imaginar democracia que não tenha o *dēmos*. Também não posso imaginar o *dēmos* no sentido estritamente grego, porque a essa altura eu sou sensível ao argumento liberal de que minorias podem ser oprimidas. Essas palavras não fazem sentido, elas são muito abstratas. Que minoria? Aristóteles estava pensando que as minorias eram os ricos, não? Ele dizia isso. Então, não se

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

trata de oprimir; trata-se de liquidar uma distribuição de poder que é opressiva – e ele não gostava da idéia, por sinal. Minorias são de outro tipo. Juntam-se as duas coisas, o conceito se torna elástico, de maneira que não se pode sentar-se em cima do “majoritarismo” democrático e resolver a vida. Não é assim que funciona. Eu acho simplesmente civilizada a idéia de que pensando de forma estritamente majoritária pode-se fazer as maiores barbaridades – isso é óbvio. E com instrumentos estritamente liberais. Por isso há tanta reação de alguns liberais a instrumentos de consulta. Algumas vezes eles foram usados para brutalidades terríveis. Mas às vezes, não. Derrubou-se o governador da Califórnia, elegeu-se lá outro. O governador atual da Califórnia foi eleito porque o anterior foi derrubado por *recall*, o que na constituição venezuelana se chama referendo revogatório. Não se inventou isso na Venezuela. Trata-se do *recall* no mundo anglo-saxão, além de instrumento suíço, coisa bem antiga. Derrubaram e elegeram o Arnold Schwarzenegger [risos]. Algum problema? Se é voto, é voto. Ele, aliás, é um homem bem mais progressista que o presidente republicano, o senhor Bush. Ele andou muito mais devagar em relação às guerras. Essa questão do *dēmos* é complicada. Para você [vira-se para Thais], que trabalha com isso, deve ser uma dor de cabeça. O que é

o *dēmos*? *Dēmos* é *dēmos*, não pode ser outra coisa. *Dēmos* é a maioria ou os pobres, como disse, realisticamente, Aristóteles: pensando bem, a maioria é pobre e eles vão expropriar... Então, essa coisa já tem embutida em si mesmo o germe da sua corrupção, para usar uma linguagem não marxista e, sim, aristotélica. Marx leu um bocado de Aristóteles, não é? A democracia é uma palavra que se torna complexa. Nesse caso, não se trata da condição atual de grupos ou seres humanos em relação a certos valores importantes, como os relativos à sobrevivência, à riqueza etc. Mas se trata de como deliberar. Sobre isso temos dezenas de boas teorias. O problema é a pequena dificuldade já apontada pelo socialismo e comunismo desde o início: igualdade formal e desigualdade efetiva. Isso envolve problemas graves. Se vocês não gostam dessa tradição é melhor ler Pareto, com todas as letras. Democracia de massas envolverá aspectos plutocráticos. Ou ainda leiam Weber: terá que haver máquina, *mit machine*, com máquina.

**Thais:** Há lugar para a preocupação com o desejo? Você já falou várias vezes nesta entrevista a palavra desejo. Lembrei-me agora de uma reflexão que você fez uma vez a partir de uma entrevista concedida por Antonio Cândido (Brasil de Fato, 13 de julho de 2011), em que ele refletia sobre a

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

atualidade do socialismo. Você comentou:

“O socialismo está infiltrado em todo lugar, ele [Cândido] ensina. Não apenas um ‘otimismo da vontade’, mas sua reflexão sobre a condição humana e a luta contra o capitalismo em seus altos e baixos. Estar infiltrado é estar como desejo e como movimento”.

**César:** É, quem sabe é isso mesmo. Cândido diz que o socialismo está presente mesmo que inviabilizado e, portanto, tornado invisível pelas condições do mundo atual. Contudo, diz Antônio Cândido, ele está presente. Ele está falando possivelmente sobre o aspecto material das coisas. Está presente porque está presente, porque as pessoas têm demandas que não se resolvem senão assim. Eu acrescentei que ele está presente como desejo e movimento. Infiltrado já é palavra dele – e eu não gosto por alguns motivos, mas não importa, é sua palavra. Mas é como desejo mesmo e como movimento. Não há uma coisa sem a outra. Desejo de mudanças, que está inscrito nas pessoas. De repente, quando você menos espera, as coisas acontecem – e isso é uma das coisas mais interessantes no mundo, não do pós-muro, mas do pós-1968. Primavera árabe... Não sei se é primavera. Primavera é estação. O que é isso?

**Thais:** De primavera já virou outono.

**César:** Outonos são em geral italianos, não é? Mas o que é isso? Está ali. Não se pode ser prisioneiro de algo que lhe é alheio, sem se sentir a necessidade ou a vontade de emancipação. Por mais que ela não seja clara e venha pela ordem do inconsciente. Nós vivemos no mundo em que somos prisioneiros do alheio. Isso é de tal forma amplo que os pensadores da globalização começaram a dar nomes grandes, como “Império” e “sistema-mundo”. Não sei porque tudo isso me dá uma idéia de que esses conceitos são também muito abstratos. Mas por que soam abstratos? É porque não se tem nome para coisas tão antigas e ao mesmo tempo tão presentes e recentes em sua magnitude. Eu sou um notável otimista. Antonio Candido “gramscianiza” ao falar em “otimismo da vontade, pessimismo da inteligência”, não lembro mais os termos de Gramsci... Eu tenho certo otimismo em relação a essa ordem do mundo, muito embora a curto prazo ela seja enormemente incômoda. Espero que isso não se oponha ao que eu falei sobre a Europa. Olhe para Estados Unidos, a Europa inteira neste momento, quer dizer... não é Europa, as coisas são terríveis em cada país. Poucos escapam. É uma outra história, inclusive, em relação à recepção de imigrantes. É algo que incomoda, evidentemente que incomoda. Os movimentos sociais – {...}nem sei se

## UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

eu gosto muito do termo “movimento social” porque as pessoas usam esse termo para quase qualquer coisa, não é? {...}-, movimentos da sociedade, de mobilidade, são a chave no momento atual. Como poderia ser diferente? Se o capital está em todo lugar, o trabalho busca espalhar-se, com as coisas dele e mais tudo o que o Ocidente produziu de bom (risos). Voltando a 68, pergunto: exatamente quando houve mudança na lei civil e o homem deixou de ser chefe de família no Brasil? É muito recente. As mudanças relativas à condição da mulher (mudanças em termos) nos países avançados do Ocidente – não estou falando no Brasil –, onde supostamente a situação é melhor, são muito recentes. Elas não têm uma geração. E nós estamos cobrando do Islã isso. Isso não se resolve pelo Islã, isso não se resolve por religião nenhuma. As religiões do livro são todas patriarcais. Religiões do livro é um bom nome. Estou falando das nossas religiões, da tradição cristã-judaica, que são primas, não? São todas patriarcais. Nós estamos cobrando de outras supostas civilizações as alterações que estão na margem e foram realizadas em alguns núcleos dos países do Ocidente. Por que se pode fazer isso? É porque o mundo está muito próximo. Essa proximidade é notável. Ninguém sabia onde era a Somália. Pois é, agora as pessoas estão um pouco atentas ao fato.

Para uma pessoa velha – como se diz mesmo, idoso – essas coisas são um choque. Mas ao meu juízo, por piores que as coisas andem neste momento, elas são extremamente positivas. O mundo não pára. Não há nenhuma razão para crer que estamos chegando a um estado estacionário – pelo contrário. As formas de resistência à emancipação são diferentes. Por que cargas d’água se preocupar com isso? Talvez por conta de assuntos do início de nossa conversa. Porque somos pessoas que se importam com isso. Outras estão envolvidas de fato nisso, em movimentos políticos, sociais etc. E crescentemente. Outras, de repente, estão envolvidas porque aconteceu. Essas manifestações recentes de estudantes no Chile, manifestações no norte da África, ou na Espanha, ou na França anteriormente, nos incomodam positivamente. Coisas já inimagináveis, pois como a greve se tornou um evento difícil, imaginava-se que não haveria mais movimentos sociais importantes de rua. Parece que não é bem verdade. Enquanto isso, a política tradicional em muitos países se torna rejeitada pela similitude, ou melhor, pela proximidade (não uma total similitude) entre os partidos, que se tornam afins. Integra-se a extrema-direita na direita efetiva, e as coisas ficam com pouca diferença. Então, é natural que se vote menos nos países mais tradicionais. Nos

UM PROFESSOR EM BUSCA DA CRIAÇÃO. UM INTELLECTUAL EM DEFESA DA DIGNIDADE: ENTREVISTA COM CÉSAR GUIMARÃES

Estados Unidos já se votava pouco mesmo e isso varia de eleição para eleição. Na Europa vota-se menos e, particularmente, se vota menos nas questões que têm a ver com a Europa. Essa brilhante ficção jurídica [Comissão Européia], com efeitos reais e particularmente econômico-financeiros, que retirou do âmbito nacional a possibilidade de decisões que atendam à deliberação das massas. O local de decisão foi transferido. Evidentemente, só um idiota acha que o Parlamento Europeu tem os poderes de um parlamento de um país em relação ao executivo. Enfim, o primeiro lugar a se visitar quando se vai a Strasbourg é a catedral, depois, eventualmente, o parlamento. Em Bruxelas, melhor apreciar artes antes de ver a Comissão Européia (nós sabemos o que é mais importante). Mas é o típico movimento que retirou força dos movimentos populares, inclusive, retirou força, simplesmente, do voto popular da democracia representativa habitual. Todo mundo sabe isso. O primeiro a escrever sobre o déficit democrático foi um cientista político francês que foi eleito para o parlamento europeu, já não está vivo, Maurice Duverger. Hoje é óbvio, um diagnóstico banal. Banal ou não, tornou-se o que é. Fragilidade do poder popular que pode existir no contexto da democracia representativa e de desigualdades efetivas.

**Pedro:** Já fugimos da questão leninista.

**César:** É porque eu não sei nada disso...

**Pedro:** Queria colocar uma questão kantiana, que é a seguinte: o que nos é permitido esperar? Assim tentamos terminar utopicamente.

**César:** Não sei responder isso. Mas recordo-me de uma passagem de *A Disputa das faculdades* em que Kant escreve: quando é que as profecias sobre a história humana se realizam? E se apressa em responder: quando o profeta atua para isso. Nos é permitido, pois, agir e mais que nunca agir é necessário, já que não temos porque crer em determinações estruturais inevitáveis. Se determinações existem, elas atuam no sentido de impedir ou retardar os movimentos emancipatórios. Digo movimentos no plural, e a questão chave, claro, é como fazê-los convergir não só na resistência, mas na transformação de um mundo em “barbarização” crescente.

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciência Política no IESP/UERJ.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciência Política no IESP/UERJ.

<sup>3</sup> Doutorando em Ciência Política no IESP/UERJ.